



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
ARTES VISUAIS – BACHARELADO

# Δ PERDA DA VERGONHA:

da mostra do rosto à exposição dos sentimentos

PAULO VICTOR MANOEL DA SILVA

*Les Racton*

PAULO VICTOR MANOEL DA SILVA

**A PERDA DA VERGONHA: da mostra do rosto à exposição dos sentimentos**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Pernambuco, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Artes  
Visuais.

Orientador (a): Ana Elizabeth Lisboa  
Nogueira Cavalcanti

Recife  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Paulo Victor Manoel da .

A PERDA DA VERGONHA: da mostra do rosto à exposição dos sentimentos  
/ Paulo Victor Manoel da Silva. - Recife, 2025.

71 p. : il.

Orientador(a): Ana Elizabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Bacharelado,  
2025.

Inclui referências.

1. Autorretrato. 2. Vergonha. 3. Arte como terapia. 4. Artes Visuais . 5.  
Expressão pessoal. 6. Pintura. I. Cavalcanti, Ana Elizabeth Lisboa Nogueira .  
(Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

PAULO VICTOR MANOEL DA SILVA

**A PERDA DA VERGONHA: da mostra do rosto à exposição dos sentimentos**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Pernambuco, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Artes  
Visuais.

Aprovado em: 18/12/2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

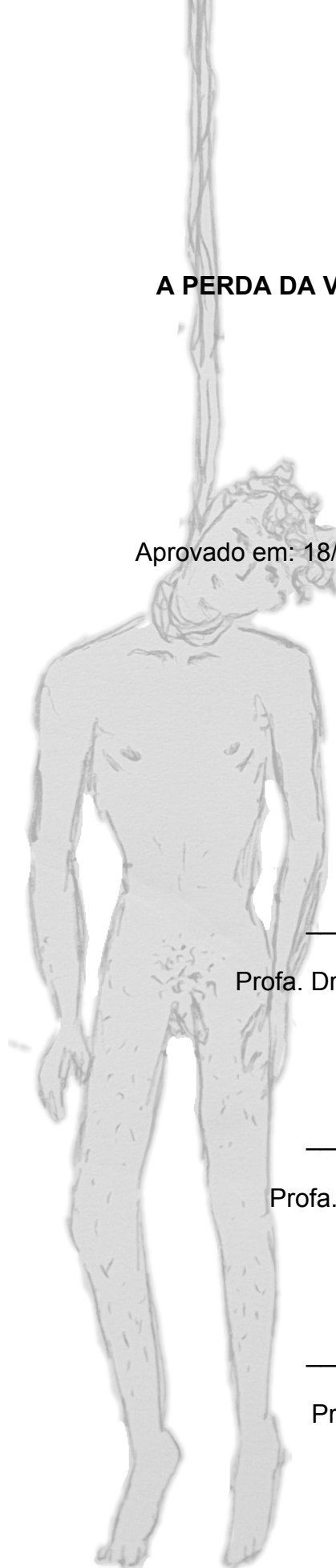
Profa. Dra. Ana Elizabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Joana D'Arc De Sousa Lima (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Ma. Jeanine Lima Toledo (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco





Dedico esse trabalho às pessoas que não têm voz nem fora nem dentro de suas casas. Eu espero que vocês consigam buscar terapia ou encontrem um amigo verdadeiro que possa ser seu porto seguro, e possam expor tudo o que sentem através da arte, seja ela qual for.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Ana Lisboa que sempre me incentivou a buscar minha poética nas aulas de gravura, esteve ao meu lado nos dois últimos autorretratos e me deu conselhos valiosos na fase final do trabalho.

À minha banca, composta pela professora Joana D'arc, que, ao me perguntar o que eu verdadeiramente gostaria de aprender e ouvir em resposta “viver sem medos”, disse prontamente que me ajudaria a chegar nesse objetivo, e pela professora Jeanine Toledo, por dar um sermão na turma por ninguém organizar portfólios do jeito que deveria, por incentivar-nos a aprender a falar sobre o que produzimos e por me fazer perder a vergonha de produzir meus temas;

Agradeço também às professoras Maria Betânia e Jéssica Tardivo, que me acompanharam nas disciplinas de TCC1 e TCC2, e Daniele Liberato, por ter alugado um triplex na minha cabeça com a frase “Não é sobre imagem, é tudo sobre sentimento”, após eu lhe contar o tema do meu trabalho.

Agradeço a Beatriz Silvestre por seu trabalho ter me mostrado que eu poderia escrever o TCC sobre mim;

Agradeço a todos os meus amigos que me fizeram companhia na faculdade. Suanny, por falar por dez minutos de sua experiência com o amor e me convencer de que eu mereço ser amado. Giovanna Vilela, por ter estado ao meu lado enquanto eu chorava no banheiro do IAC por pessoas irrelevantes. Isabela Bevenuto, por me ensinar e me alertar para começar a viver. Alline, Patricia e Maria, por ter sido meu grupo na maior parte da minha graduação, me trazendo momentos de alegria e, principalmente, de estresse. Auria, Cauã e Lucas Alerrandro por terem me acompanhado nas disciplinas de pintura, Bianca e Alanna por, além disso, terem se tornado meu refúgio, e Mevi por, ainda por cima, emprestar seu corpo e seu sangue para que eu fizesse a pintura que mais demorou a ficar pronta (e quase custou meu pulmão). Lucas Cavalcante, por ter se interessado em saber mais do meu trabalho a ponto de saber falar dele mais do que eu mesmo, e por ter me feito quebrar a promessa de nunca expressar meus sentimentos a ninguém.

Agradeço também às minhas velhas amigas. Vitória por, mesmo em ônibus lotados, não ter vergonha de conversar sobre nossos assuntos pesados e aleatórios. Clara, por ter sido minha duplinha na igreja e por estar ao meu lado (mesmo que

virtualmente, embora moremos a apenas dois quilômetros de distância) até hoje, e Malu, por sempre acreditar em mim e me fazer companhia nessa jornada artística.

Agradeço a meus pais, que sempre incentivaram meus estudos e se esforçaram a começar a me entender (mesmo que à força).

E agradeço a mim, que mesmo desistindo uma vez, consegui me erguer o suficiente para continuar andando, por tempo indeterminado.

## RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da trajetória pessoal de autoconhecimento e da progressiva liberação pessoal do artista, focando na sua evolução poética e identitária. A investigação baseia-se na análise de autorretratos e anotações íntimas produzidas entre 2019 e 2025, examinados como um mecanismo de desabafo e cura. Foram externalizadas experiências pessoais desafiadoras, incluindo homofobia, depressão, ideação suicida e dinâmicas familiares complexas. É descrita a transição de representações iniciais, onde a figura era mediada por símbolos ou sombras (a "mostra do rosto"), para uma fase posterior de obras explícitas e sem filtros sobre temas como luto, afeto e condenação social (a "exposição dos sentimentos"). O texto final ressalta o papel essencial da prática artística como ferramenta terapêutica e de emancipação emocional, evidenciando como as disciplinas acadêmicas foram cruciais para a consolidação da expressão e da poética individual.

**Palavras-chave:** Autorretrato; Vergonha; Arte como terapia; Artes Visuais; Expressão pessoal; Pintura.



## ABSTRACT

This work proposes an analysis of the artist's personal trajectory of self-knowledge and progressive self-liberation, focusing on the evolution of their poetic and identity. The investigation is based on the analysis of self-portraits and intimate notes produced between 2019 and 2025, which are examined as a mechanism for emotional release and healing. Challenging personal experiences were externalized, including homophobia, depression, suicidal ideation, and complex family dynamics. The text describes the transition from initial representations, where the figure was mediated by symbols or shadows (the "showing of the face"), to a later phase of explicit and unfiltered works on themes such as grief, affection, and social condemnation (the "exhibition of feelings"). The final text highlights the essential role of artistic practice as a therapeutic tool for emotional emancipation, emphasizing how academic disciplines were crucial for consolidating individual expression and poetic.

**Keywords:** Self-portrait; Shame; Art as therapy; Visual Arts; Personal expression; Painting.

## SUMÁRIO

	<b>PONTO ZERO</b>	<b>10</b>
1	<b>VERGONHA</b>	<b>12</b>
1.1	Escrita	14
2	<b>A MOSTRA DO ROSTO</b>	<b>15</b>
3	<b>A EXPOSIÇÃO DOS SENTIMENTOS</b>	<b>37</b>
3.1	AFETO	38
3.2	INTERESSE	42
3.3	CARDÍACO	44
3.4	CONCORRÊNCIA	48
3.5	CRÔNICO	50
3.6	SIM, É TUDO SOBRE VOCÊ	53
3.7	DESPEDIDA	58
3.8	PRESENTE PRESENTE	62
3.9	CONDENAÇÃO	64
4	<b>PARADA TEMPORÁRIA</b>	<b>68</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>70</b>

## PONTO ZERO

Em um dia comum, tive<sup>1</sup> a ideia de buscar e analisar meus autorretratos, o que me faria lembrar da minha visão de mundo no momento em que os fiz. Inspirado pelo Trabalho de Silvestre (2022), *“As várias vezes que me pintei por aí: uma análise sobre autorretrato”*<sup>2</sup>, pensei na possibilidade de fazer um trabalho sobre mim, o que fez eu me perguntar por quê eu continuo no curso de Artes Visuais.

Ao longo da faculdade, fui estimulado a me entender e criar minha identidade, minha poética, e percebi recentemente que entendi meu propósito neste lugar. Estou aqui para começar a aprender a me expressar, coisa que não sabia fazer minimamente, de forma alguma. É importante para mim compreender o quanto mudei ao longo dos anos, como a universidade e os professores nas disciplinas práticas impactaram a minha arte e minha mentalidade sobre a exposição e como ocorreu a evolução dos meus pensamentos sobre temas como liberdade e suicídio, já que, com a pandemia, meu acompanhamento psicológico foi interrompido. Produzir as obras atuais, com o nome artístico Leo Pactor, sobre temas e assuntos que eu nunca tratei publicamente (ou não me aprofundi no que se tratava quando familiares me perguntavam) - como a obsessão pelo masculino, saudade, suicídio, minha relação com meus pais, o impacto de ser cobrado demais e a contemplação do presente - é um desabafo e uma terapia ao mesmo tempo, por mais que eu AINDA tenha medo de me expor. Essa pesquisa me tirará um peso das costas que carrego há muito tempo.

Contribuirá para o campo das Artes Visuais por ser uma análise e perspectiva de vivências pessoais, expostas por uma visão única. Mostra o desenho como terapia, e como os autorretratos são importantes para catalogar sua mudança de perspectiva em relação à arte e à vida, além de evidenciar a importância das disciplinas que fazem os alunos de Artes Visuais produzirem sobre si até se entenderem enquanto artistas. Acredito que isso seja importante para a sociedade ver a necessidade de acompanhamento psicológico e materialização de pensamentos, usando a arte para se expressar sem se importar se os temas retratados são pesados ou não, e o quão bom e libertador é para a pessoa que produz o sentimento de ter despejado seus sentimentos ali.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, escreverei em primeira pessoa por me sentir mais confortável.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50319>

Eu não sei de muita coisa, e não me interesso em saber a maioria delas. Muitas vezes só penso em morte, e só me lembro que existo ao me ver em um espelho, que dependendo da aparência que me mostra, pode me fazer questionar ainda mais minha existência. Sabendo que ninguém pode falar de mim tão bem quanto eu mesmo, decidi investigar a perda da minha vergonha de me expor. relatei sobre esse sentimento na minha vida e analisei meus autorretratos de 2019 até 2025, reunindo desenhos produzidos antes e depois da entrada na universidade, além de fazer leitura de anotações, textos pessoais e produções acadêmicas próprias que ajudaram a contextualizar minhas mudanças de perspectiva e meu processo de criação.

Por fim, criei uma série de obras que representam minha vivência atual, minha nova abordagem de retratar meus pensamentos e temas recorrentes na minha cabeça, após esse percurso de autoconhecimento.



## 1 VERGONHA

Exibir nossa arte, nossos textos, nossas fotos, nossas ideias ao mundo, sem garantia de aceitação ou apreciação, também significa nos colocar numa posição vulnerável. Quando nos entregamos aos momentos felizes de nossa vida, mesmo sabendo que eles são passageiros e que o mundo nos diz para não sermos felizes demais para não atraírmos desgraça – essa é uma forma intensa de vulnerabilidade (Brown, 2012, p. 26).

**Arte é exposição.** Percebi isso logo quando criei uma conta no instagram para publicar meus desenhos, em 2019. “Como vou colocar meus esboços e meus personagens aqui?”, “E se meus parentes virem, o que vão pensar?” “E se eles perguntarem porquê eu desenhei essa figura sombria?”. Então, por esses motivos, não contei a ninguém. Quando desenhava minhas amigas, as marcava e assim elas descobriam que eu tinha uma conta. Meus pais descobriram dois ou três anos depois, e começaram a compartilhar em seus próprios perfis.

Em 2020, quando comecei a desenhar imagens eróticas, vi que não havia como publicar no site, porque, além de não ser permitido, meus familiares me seguiam. Seria um caos generalizado se eles soubessem que eu desenhava esse tipo de coisa, por isso eu escondia o caderno na minha estante com todo o cuidado do mundo. Era um caderno de desenho do governo que minha amiga de infância me deu, com a capa escrita “Pertence a Suelem”. Escrevi um “u” no final da primeira palavra, para deixar claro que não pertence mais a ela.

Como filho único, sempre senti uma necessidade de ser perfeito para ter a aprovação dos meus pais e de pessoas externas. Por um tempo, me forcei a fingir ser alguém que não era para ser validado por eles, embora eu estivesse sendo julgado fora de casa. Em 2016, contei para três amigas do 1º ano sobre minha sexualidade por mensagem, pois não tive coragem de dizer pessoalmente por medo de rejeição. A que eu mais confiava das três saiu espalhando pela escola. Dias depois, um garoto da sala veio falar comigo no whatsapp (provavelmente pegou meu número com ela) me perguntando se eu realmente era, e eu confirmei. Invadindo minha privacidade, meu pai uma noite foi mexer no meu celular, e, enquanto eu escovava os dentes, lembrei que não tinha apagado essa conversa. Então, comecei a apagar ainda mais as conversas que eu tinha com meus amigos. Era necessário. Apagava mensagens que eu enviava e recebia depois das dez da noite, palavrões, e qualquer conversa sobre sexualidade. Apagava fotos que eu tirava com meus

amigos, qualquer foto que eles achassem ruim. Eles continuaram pegando meu celular e vasculhando tudo. Lembro-me de quando meu pai me botou no colo um dia depois de ler a conversa, disse que minha mãe estava chorando no banheiro e perguntou se eu queria dar desgosto a ela. Acenei com a cabeça que não, já entendendo o que ele queria que eu fizesse. Isso aconteceu numa quinta-feira de junho de 2017. A partir daquele dia eu me retraí. Tive cuidado com o quanto eu demonstrava aos outros, para eles não pensarem que eu era gay. Claro que muitos deles já sabiam (estava na cara), mas mesmo assim, me senti na obrigação de ficar quieto. Mais do que já era.

Nesse período de quietude, fui chamado uma vez de “meio-morto” pela minha mãe, o que me fez pensar se, realmente, uma parte de mim não teria morrido. Fui proibido de ver minha amiga Dayane por não querer ter ido à igreja um dia antes. Continuei frequentando sem reclamar, e, por medo de críticas, não dizia aos meus pais nenhuma das vezes que outros amigos me chamavam para sair ou ir na casa deles.

Eu cheguei ao ponto de não trocar olhares para não demonstrar insegurança. Eu devia ser forte como um homem. Frio, como um homem deve ser. Chorar na frente de alguém não era uma opção. Eu não poderia dizer a razão pela qual estaria, porque não se pode expor e se opor aos pais. Eles estão sempre certos, não importa o que façam. Fiquei em silêncio. “Até no silêncio tu tá errado”, outro dia disse o meu pai. Essa afirmação me certificou de que eu sempre estaria errado em qualquer situação contra eles.

Não lembro ao certo o mês, mas minha tia materna Edna, que mora no interior, passou uma semana na minha casa em 2019, percebeu meu jeito cada vez mais fechado e me perguntou o que tinha me deixado daquele jeito. Eu tentei driblar, mas ela insistiu o dia inteiro até eu contar tudo. E me acolheu. Embora tenha dito que não ia contar pra ninguém e, meses depois, minha avó e meu tio estarem sabendo, ela me acolheu.

Quando eu dizia a eles que eu ficava lá na barraca atendendo, ou entrava no banheiro para tomar banho e demorava para sair, eu estava chorando. Chorando porque nada mais fazia sentido. Eu me olhava no espelho e me perguntava o que eu ainda estava fazendo aqui. Me perguntando por quê eu não já não acabei com tudo de uma vez (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 26 mar. 2019, s/p.).

## 1.1 Escrita

Eu devo ter começado a escrever para não esquecer o que me fizeram. Para me lembrar de tudo o que me tentam acreditar que não ouvi. Para não perdoar. Anotar meus sentimentos é uma boa forma de mapear mudanças de pensamentos e opiniões, sobre mim mesmo e outras pessoas.

Eu escrevo porque preciso. Preciso adiantar minha dor, no sentido de “prevenir” a saúde mental do meu eu futuro, de me acostumar com os sentimentos e vivências horríveis que ainda não vivi. Se eu guardar minha infelicidade apenas nos meus pensamentos, fico com a sensação de que estou prestes a explodir.

De fato, comumente presumimos que verbalizar uma memória emocional pode transformá-la e que, após a verbalização, essa memória perderia uma parte significativa de sua carga emocional. Um estudo de Zech (2000) mostrou que mais de 80% dos entrevistados em uma grande amostra de leigos adultos endossavam tal visão. Se a crença desse leigo fosse verdadeira, se os dados pudessem confirmar que verbalizar emoções traz ‘recuperação emocional’ ou ‘alívio’, então o paradoxo se esclareceria. As pessoas tolerariam reviver emoções negativas devido a esse benefício final. Assim, examinamos essa questão em um grande número de estudos (para uma revisão, ver Rimé et al., 1998; Zech, 2000). Em todos eles, os participantes classificaram o nível de sofrimento emocional sentido ao relembrar um episódio emocional específico. Examinamos até que ponto essa classificação evoluiu em função do compartilhamento social do episódio, ou seja, em que medida o compartilhamento, que se desenvolve espontaneamente após um evento emocional, contribui para aliviar as pessoas de seu impacto emocional (Nyklicek et al, 2004, p. 29).

Antes que eu enlouqueça ainda mais ou tenha um ataque do coração, separo alguns minutos do meu momento de choro e silêncio para escrever o que estou sentindo. Esses sentimentos, eu guardo no bloco de notas virtual chamado “Surtos”. Geralmente eu não volto para revê-los, e, se volto, tenho vergonha demais para terminar de ler ou não me identifico mais com as passagens.

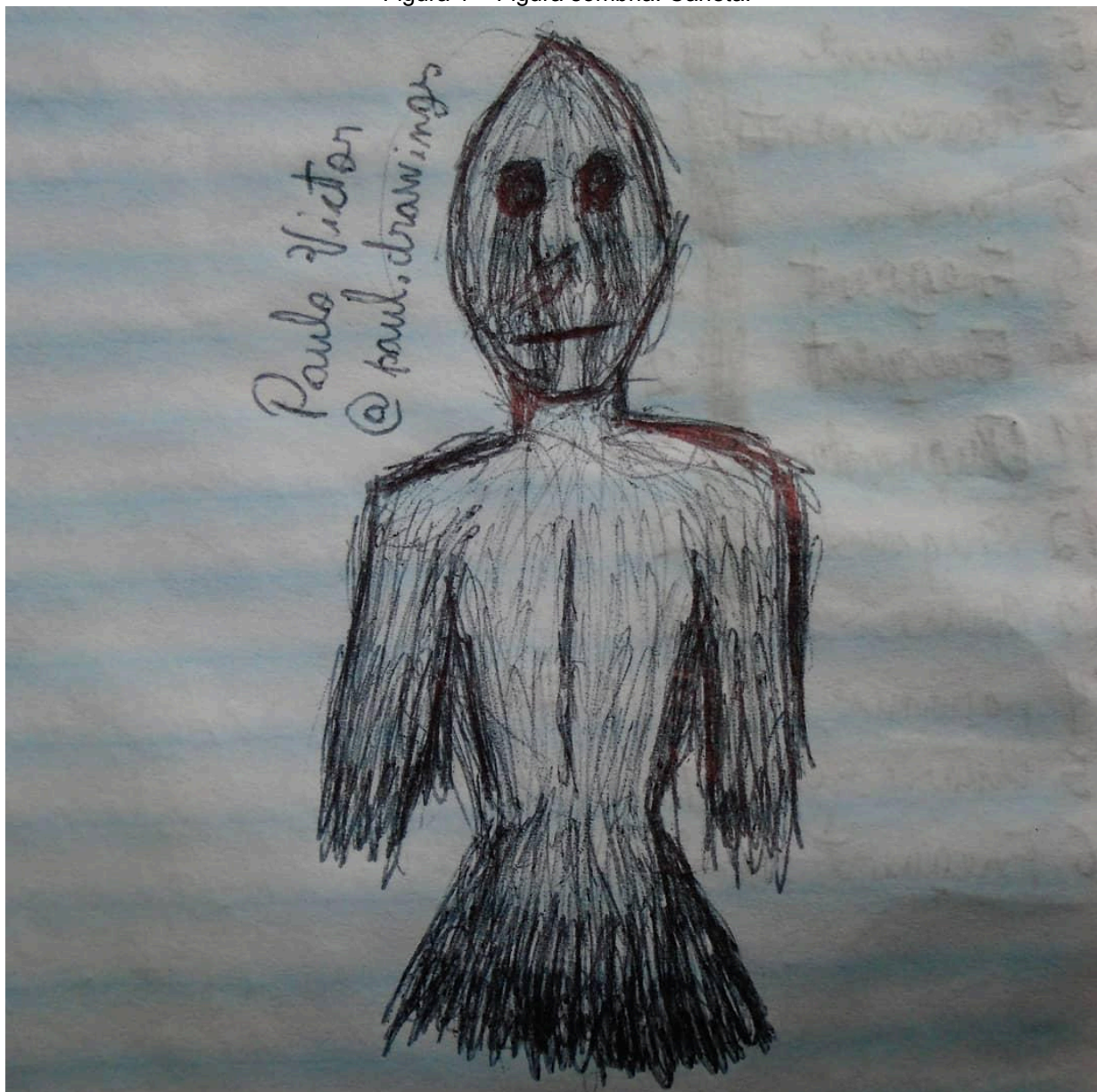
No decorrer deste trabalho, algumas anotações pessoais serão mostradas. No máximo duas ou três pessoas já leram, e se realmente leram. Se alguém da minha família ler, será a primeira vez que eles saberão de meus pensamentos mais profundos, já que eu não falo sobre para ninguém. Esses textos refletem minha visão da época em que foram escritos, e possivelmente ainda minha visão atual.

Talvez eles fiquem preocupados com minha situação psicológica, e tudo bem. Eu não vou fazer nada que já não tenha feito.

## 2 A MOSTRA DO ROSTO

Viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe (Wilde, 2002, p. 23)

Figura 1 – Figura sombria. Caneta.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2019.

Pensei em começar com a imagem da Figura 1. Isto porque ela foi produzida durante uma aula de um dos cursos que eu não estava interessado em fazer, ia apenas porque meus pais achavam melhor do que eu ficar em casa sem fazer nada. Para mim, era como a personificação da depressão. Em outro desenho, a figura aparece novamente encarando e possuindo uma garota. Hoje, posso ver meu eu



daquela época nesse ser. Eu não tinha vontade alguma de viver, e andava e olhava para os outros com um olhar vazio. O mundo era cinza pra mim.

*Nunca fui bom de falar sobre mim.*

Demorei para conseguir me abrir para minha primeira psicóloga. Quando consegui, ela me transferiu para outro posto, que acredito que tenha profissionais mais especializados para tratar de pessoas como eu. Sou diagnosticado com depressão. A homofobia sofrida dentro e fora de casa e o medo do mundo me fizeram tentar suicídio no final de 2019.

Ao perceber que a única coisa que eu conseguia falar era meu hábito de desenhar, meu psicólogo pediu para que eu levasse meu caderno de desenhos. Entre rascunhos feios e inacabados, ele viu minhas pinturas do desafio de pintar sereias do mês de maio, uma em específico. O tema daquele dia era “Tubarão”, e embora todos os artistas no Instagram fizessem desenhos de sereias fugindo de tubarões, eu fiz uma sereia-tubarão, ilustrada pela Figura 2.

Figura 2 - Sereia-tubarão. Tinta de tecido.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2019.

Meu psicólogo se admirou com a imagem da Figura 2, uma pintura com tinta de tecido sobre papel, e naquele momento, desvendou um dos meus problemas: *minha relação conturbada com minha mãe*. Após analisar por uns segundos a imagem e conversarmos sobre, ele me fez perceber que eu não desenhava homens, e pediu para que eu fizesse ao menos um.

Com esse propósito, ao longo daquela semana, o que eu produzi foi um homem com asas em uma varanda. O personagem, ilustrado abaixo, pela Figura 3, fazia parte de uma história que eu escrevia, mas o corpo que eu fiz foi o meu. Por mais que o cabelo seja diferente (porque eu não sabia reproduzir cabelo cacheado), era eu, minha alma representada naquele desenho. E eu acho que meu psicólogo percebeu.

Figura 3 – O Anjo. Lápis.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2019.

Talvez ele tenha entendido que eu tinha asas e não sabia usá-las. Estava na varanda esperando que alguém me empurrasse e eu fosse obrigado a voar, mas o único que podia fazer isso era eu mesmo. *E então eu fiz.*

Fiz a única coisa que, na minha cabeça, me levaria à liberdade: me rendi ao suicídio.



Figura 4 – Anjo à luta. Lápis.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2020.

Meses após minha tentativa de suicídio, eu senti que muita coisa mudou. Dentro de casa, minha relação com meus pais a respeito da minha sexualidade melhorou, mas eu ainda estava no processo de ficar mais corajoso em relação ao mundo, como me representei na Figura 4, acima. Embora os pesadelos, sequelas do ocorrido, me assombrassem e me fizessem acordar de madrugada por meses, eu estava mais próximo de meus amigos. Mas então a pandemia chegou, e me deixou trancado em casa novamente. A liberdade que eu tinha começado a ter foi trancada, e isso começou a me agoniar, pois quando eu finalmente podia sair com meus amigos, tive que ficar em casa. Representei esse momento de agonia em um autorretrato que completa a série de anjos, mas neste desenho, coloco as penas das asas querendo sair de dentro do personagem, ilustrado pela Figura 5.



Figura 5 – **Liberdade**. Lápis.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2020.



Que merda. Eu não suporto mais viver. Não suporto mais ter que seguir essas regras desgraçadas que impõem. Estudar até trabalhar, ou os dois ao mesmo tempo. Trabalhar até morrer. Queria pular logo para a parte do morrer.

Não tenho motivos para ficar. Os amigos não são um motivo suficiente. Cada um está vivendo sua vida, com seus próprios problemas. No fim, eles só se importam consigo mesmos. Ninguém vai parar a própria vida para cuidar da sua. Eu pararia, se pudesse, mas não posso. Não podemos. Temos que seguir com nossas vidas. Continuarmos nessa merda de caminhada que parece que não acaba.

Sendo pressionado e chamado de burro, sinto que só estou retrocedendo. Parece que estou andando de ré.

Por que tenho que fazer o que eles querem? Por que tenho que viver? Muitos que conheço não querem viver, mas têm medo. Medo de entidades que inventaram em suas cabeças, que foram colocadas em suas cabeças. Não colocaram na minha. Não acredito nessas coisas. São coisas de quem procura motivo para viver e vivem por medo. De serem "julgados", de "sofrerem pela eternidade". Não tenho medo.

Tenho pena. Pena dos que ficam quando eu for, porque eles vão sofrer. Não sei por quanto tempo, mas vão sofrer. Não vai demorar muito. Um mês depois (ou nem tanto), já vão estar falando "era um vagabundo, não queria nada com a vida mesmo", e vão estar aqui agradecendo por eu não existir mais. Eu não deveria sentir pena. Eles não sentem de mim. Enquanto eu estou aqui vivendo por eles, eles me mataram.

Eu estou morto. Só falta me enterrarem. Enquanto isso, sigo andando (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 26 mar. 2022, s/p.).

A partir de agora, serão mostrados os autorretratos feitos depois que entrei na universidade. A pintura na Figura 6, abaixo, foi realizada com o uso de nanquim, no primeiro dia do Inktober<sup>3</sup>, a partir de uma selfie que fiz. O tema era "Gárgula<sup>4</sup>", e fiz uma figura demoníaca com o meu rosto, como se eu tivesse me distanciado das figuras celestiais e do papel de vítima para me tornar o vilão da minha própria história. Na época, eu não estava mais tão receptivo como era, tinha saído da igreja e já não me importava sobre o que me falavam sobre esse assunto ou qualquer outro. Embora uma gárgula tenha a função de canalizar água da chuva pela boca, eu me retrato com a boca fechada, como se estivesse "jorrando" meus sentimentos sobre o papel na hora de produzir a imagem.

Eu considero essa imagem como uma transição de abordagem. É o fim dos meus autorretratos como anjo e o início dos meus desenhos aceitando a morte. Vendo hoje, parece que o personagem está chamando ou declarando uma nova era. Uma guerra contra a vida.

<sup>3</sup> Desafio criado em 2009 pelo ilustrador americano Jake Parker, cujo objetivo é fazer, todo dia durante o mês de outubro, um desenho a tinta, seja ela nanquim, guache, aquarela ou acrílica.

<sup>4</sup> Figura de pedra grotesca, originalmente criada para escoar água da chuva de edifícios pela boca, especialmente catedrais medievais.



Figura 6 - O Demônio. Nanquim.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2022.



[...] Estou chorando no ônibus. Mas queria que alguém do meu lado falasse comigo, perguntasse por quê eu estou assim. Vejo alguns me olharem, com pena. Queria alguém que pudesse me ouvir agora. Mas não em palavras. Não consigo falar. Queria que alguém me entendesse ao olhar nos meus olhos. Mas ao mesmo tempo eu não quero olhar nos olhos de ninguém. Não quero que sintam minha fraqueza. E não quero que me saibam por quê eu estou assim também. Vão achar ridículo. Vão dizer que vai passar, que tudo passa. Mas não vai passar. Essa merda só vai piorar, e eu só vou me mostrar mais burro e idiota do que já me mostro. Só vou incomodar as outras pessoas o resto da minha vida, porque eu não sei conviver normalmente.

Seria melhor se eu sumisse agora. Melhor pra todos. Seria melhor para meus amigos, porque eles não merecem ouvir eu falando a mesma coisa sobre eu me sentir um merda. E seria melhor para meus pais, a quem eu incomodo todo dia, dando preocupações sobre o meu futuro e meu desinteresse. Eles precisam de um descanso. Vão superar algum tempo depois que eu me for. Todos (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 11 ago. 2022, s/p.).

A partir de agora, a morte fica mais clara nos autorretratos. O tema de suicídio surge explicitamente, e o que era uma mera representação minha com asas, se torna algo mais profundo visualmente e subjetivamente. A artista alemã Käthe Kollwitz, em seus últimos anos de vida, se limitou a produzir autorretratos que só mostravam sua cabeça e alguma de suas mãos (Käthe Kollwitz Museum Köln<sup>5</sup>). Ficava claro em suas obras que ela não aceitava a morte e acreditava que a morte não é a sublimação do viver, mas nos últimos anos passou a retratar a morte com resignação, com aceitação (Ostrower, 1988). A representação do sofrimento humano sem romantização, de forma realista. É assim que serão os próximos autorretratos.

A arte, como forma de expressão de sentimento, se assemelha a uma oração, a uma profissão de fé, a um ritual religioso. É algo abstrato, que brota do subconsciente do artista, de sua 'alma', como necessidade imperiosa de expressar significados, de exteriorizar o seu sentir, os seus anseios, as suas dores, muitas vezes incompreensíveis, até mesmo para ele. (CAVALCANTI, 2012, p. 11)

Feito um mês após a pintura anterior, meu primeiro desenho em carvão (Figura 7) surgiu na disciplina de Desenho, com Eduardo Romero, que disse que a atividade era livre. A primeira coisa que eu pensei quando ele disse isso, assim como em qualquer momento de reflexão silenciosa, foi em morte. Peguei uma caneta e coloquei na frente do meu pescoço e tirei uma selfie. Fiz o desenho, e como não havia como apagar, tive que deixar e aceitar os erros, resultando num rosto que não se parece com o meu, mas é.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.kollwitz.de/en/self-portraits-overview>

Figura 7 - Autorretrato com faca. Carvão..



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Recife, 2022.

Um inútil. Como sempre. Idiota. Como sempre dando estresse. Estou chorando. Acho que estou há meia hora chorando. Enxugando as lágrimas e fingindo estar bem quando minha mãe fala comigo. Minha cabeça dói. Muitos pensamentos. Nessas horas eu fico lembrando tudo de ruim que eu sou, todas as vezes que ela já me chamou das mesmas coisas, e todas as vezes que ela quis chamar mas ficou calada ficando apenas mais estressada. Por isso gosto quando estamos longe. Não porque eu não suporto ela falando e gritando o tempo todo, mas porque ela não suporta minha burrice. E me lembra tudo de ruim que eu sou. Estava há meia hora chorando, olhando para um balde e pensando em tudo. Sem desviar o olhar. Sem ter porquê desviar. Sem ter porquê sair do lugar. Sem ter porquê viver. Escrever faz eu me acalmar. Mas não melhorar (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 14 out. 2022, s/p.).

No fim de 2022, eu havia mandado de presente para uma amiga de Portugal um desenho de lápis de cor que retratava nós dois numa praia quase dez anos atrás. Infelizmente ela não gostou, disse que não ficou parecido, e eu entrei em uma crise interna por não conseguir representar os rostos perfeitamente. Meses depois me encomendaram um desenho pela primeira vez, e eu tive medo de não conseguir que saísse perfeito, mas saiu.

Minha mãe me viu desenhando madrinha Simone e reclamou. Disse que era para eu ter desenhado ela primeiro. Que estava combinado que seria ela, antes mesmo de madrinha pedir. Reclamou que eu já desenhiei várias pessoas na frente dela. Eu disse que não. Ela falou de Flávia. Eu disse que Flávia era prioridade porque Marília iria voltar para Portugal logo. Ela falou que não. Depois de falar mais alguma coisa que meu cérebro já fez questão de apagar, entrou dizendo "qualquer cachorro te dá mais vontade de desenhar (do que eu)". Desmanchei meu meio sorriso. Meio sorriso esse que eu estava forçando porque pensava que ela estava brincando quando começou a reclamar. Mas não estava.

Então eu olhei para a frente. Continuei do mesmo jeito. Minha mão esquerda do lado do desenho. Minha mão direita segurando o lápis de cor azul mar na beirada da mesa. Olhei para a prateleira de produtos de limpeza, mas meus olhos não focavam em nada. Eu só estava pensando. Pensando em tudo enquanto tentava pensar em nada. Lembrando de tudo enquanto tentava lembrar de nada. Revivendo a vida enquanto tentava reviver a quase morte.

Então eu senti, como se fosse uma agulha perfurando minha pele. Um mosquito picando meu antebraço direito. Mas isso não me fez sair do lugar. Permaneci imóvel. Desfocado. Focando apenas na sensação de estar sendo sugado. Achando não tão ruim. Ser sugado assim é bem melhor. É dormente. Apareceram outros dois perto dele, e eu deixei. Não lembro quanto tempo eles ficaram no meu antebraço. Em um momento, eu quase virei meu rosto e os espantei. Mas não tinha porquê. Eu não queria que eles fossem embora. Estava bom. E então eles saíram, e eu olhei meu braço. Estava um carço enorme. Marca da única sensação boa do dia. Voltei a observar o nada.

Não demorou muito para aparecer outro mosquito, agora na minha mão esquerda. Dessa vez eu o observei. O observei sugar meu sangue assim como ela suga minha energia. Contando. Cinquenta e oito. Cinquenta e nove. Um minuto se passou e meu braço esquerdo inteiro estava dormente.

Após sete minutos, perdi a conta, mas segui observando-a se satisfazer e ir embora.

Ao meu redor, ouço o som de dezenas ansiosas para me sugarem. Dezenas. Sejam elas de mosquitos, sejam elas de pessoas (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 11 nov. 2022, s/p.).

Após dar uma pintura de presente para minha mãe no dia das mães de 2023 e ela deixar claro por mais ou menos 10 minutos o quanto não gostou, parei de produzir por um tempo. Mentalmente, entrei e fiquei em um buraco, e nos meus pensamentos vinham as ideias de produções perfeitas, mas eu nunca começava por medo de dar errado.

Na disciplina de Arte Têxtil, com a Profa. Dra. Luciana Borre, tive que produzir com linhas e agulhas. Como venho de uma produção muito figurativa, me senti deslocado por não conseguir criar com o crochê e a tapeçaria, então só me restava criar significados para as cores que eu usava. Para a segunda tapeçaria da disciplina, ilustrada abaixo pela Figura 8, com revistas e papéis, usei como imagem de fundo/base uma foto de uma sala, um lar. Usei tiras de vermelhas, pretas e amarelas. O vermelho simbolizava o sangue/vida, o preto era a morte, e o amarelo, a loucura. O amarelo estava sempre no meio e mais aparente que as outras cores, mostrando que somos considerados loucos nas duas hipóteses: na vida e na morte. Se continuarmos vivendo ou se nos matarmos.



Figura 8 – Tapeçaria de papel e revistas.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Recife, 2023.

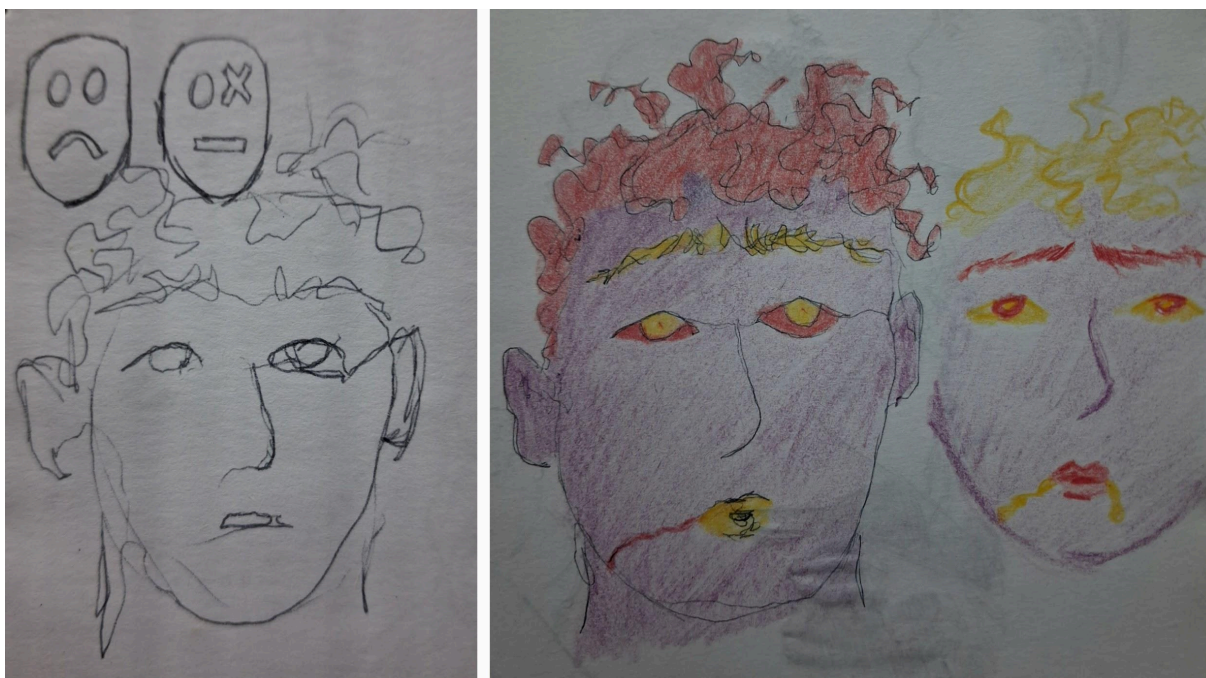
Estou triste. Cansado. Cheio de coisa pra fazer e não faço. Sem ânimo. Subi as escadas pra olhar pro céu pra descansar a visão, as ideias, mas me dá vontade de chorar, e não vou chorar com minha mãe estando em casa e podendo ver e me perguntar o porquê. Está chovendo, e eu queria ficar sentado na chuva até isso que eu sinto passar. Não sei o que sinto (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 09 fev. 2023, s/p.).

Nessa mesma época, usei de inspiração os significados que criei para essas cores para criar uma história textual/em quadrinhos sobre minhas amigas suicidas, e nós seríamos formados por três cores. Sangue, loucura e tristeza, onde vermelho (sangue) e azul (tristeza) se misturavam, surgindo o violeta. Os personagens teriam as características da depressão clínica, como sensação de vazio, impotência, rejeição, desinteresse, desespero, desconforto, além de apresentarem procrastinação, vitimização, isolamento, crises de medo intenso e procura por alívio

em vícios. Pensei em abordar nessa história os dois pensamentos de morte: o primeiro ligado ao sentimento de desesperança e culpa, de quem não deseja se matar, e o segundo ligado ao planejamento do suicídio, de quem não deseja deixar de sofrer por meio de um tratamento:

[...] ele de fato acredita que a única solução para acabar com o seu sofrimento e o das pessoas ao seu redor é a morte. Não busca ajuda, mas tem um mínimo de energia e fôlego para concretizar o plano de dar fim à própria vida. (Silva, 2016).

Figura 9 - Estudo de desenho de linha única e cores. Caneta e lápis de cor.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2023.

A Figura 9, acima, mostra os esboços da minha autorrepresentação como uma dessas figuras mortas-vivas, tentando chegar a uma figuração de como se sentem as pessoas com depressão. O projeto não seguiu, por falta de ânimo, excesso de atividades da universidade e obrigações da vida, mas tenho planos de, futuramente, voltar nesse projeto e produzi-lo.

Tentei então produzir um autorretrato em aquarela (Figura 10), mas, assim como tudo o que começava, também não terminei, e joguei junto com outras coisas nas pastas de casa.



Figura 10 - Aquarela inacabada.



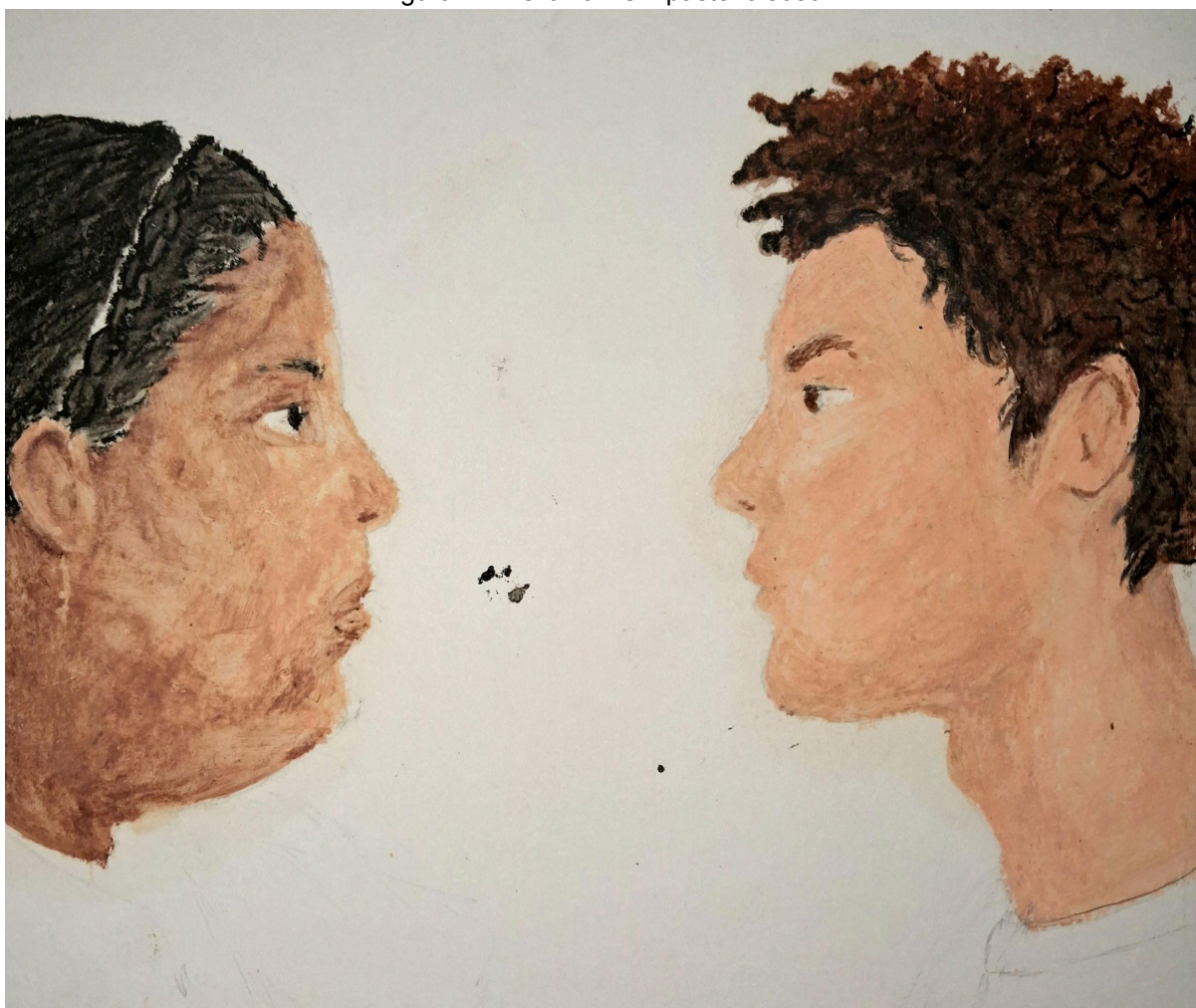
Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2023.

Juro por Deus (que não existe) que neste momento eu usaria qualquer droga que estivesse na minha frente só para eu sentir, por um instante, qualquer sentimento que parecesse felicidade. Qualquer coisa (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 15 fev. 2023, s/p).

Foi no final de 2023, na disciplina de Laboratório de Criação 2 com a Profa. Ma. Jeanine Toledo, que eu voltei a produzir. Ela pediu aos alunos que mostrassem seus portfólios, e eu percebi que nunca tinha organizado meus desenhos na vida. Tinha acabado de chegar de um semestre com oito disciplinas e estava agora em

um com nove, numa tentativa desesperada de acabar o curso no oitavo período (fracassei, por não ter uma porcentagem suficiente para cursar a disciplina de TCC no sétimo período, que seria o “tempo certo” de fazê-lo). Essa foi uma das disciplinas práticas que me envolveu em uma produção pessoal de desenho, e eu tinha tanta coisa acumulada na cabeça para produzir, como cenas de morte trágicas, retratos de amigos e *fanarts*<sup>6</sup>, mas não consegui colocar em prática nenhuma delas. Ainda comecei uma série de pinturas com giz pastel oleoso, onde a primeira retratava eu e minha amiga Aline nos encarando com o que deveria ser um olhar depressivo, embora meu rosto não demonstre isso e meu tom de pele esteja errado. Talvez a sensação de não conseguir produzir realismo tenha voltado após fracassar no naturalismo dessa pintura (Figura 11).

Figura 11 – O olhar. Giz pastel oleoso.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2023.

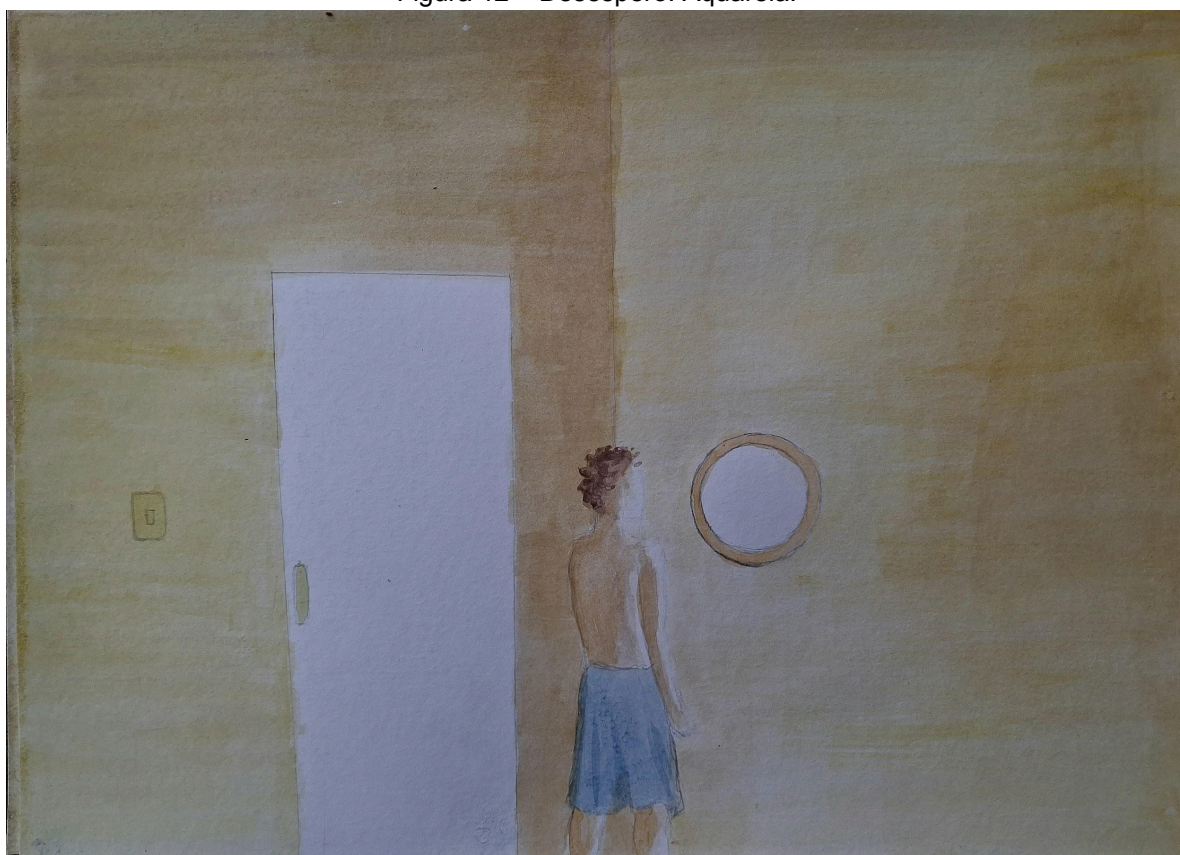
---

<sup>6</sup> Arte criada por fãs sobre personagens, objetos ou histórias de obras preexistentes.



No fim, fiz para a disciplina uma série de aquarelas com cinco obras, chamada “Convivendo com a Depressão”, que começa com a Figura 12, Intitulada “Desespero”, onde eu estou me olhando no espelho sem ver meu reflexo. Em “Vazio” (Figura 13), é visível que eu estou desaparecendo e me tornando apenas uma figura com contorno preto. Na Figura 14, “Desconexão”, toda a cor do meu corpo já desapareceu, e uma amiga próxima está sendo afastada de mim por sua mãe, por eu não ser considerado uma “boa influência”. Em “Solidão” (Figura 15), estou escondido ao lado de uma caixa d'água, localizada no primeiro andar da minha casa.

Figura 12 – Desespero. Aquarela.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2023.

Não entenderam que viver não quero, só o faço porque devo. Não quero ver minha família julgada e auto-martirizada por uma escolha minha de me matar. Não quero ninguém se culpando por uma culpa minha. Porque a culpa é sempre da última pessoa que agiu (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 18 dez. 2023, s/p.).



Figura 13 – Vazio. Aquarela e nanquim.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2023.

Figura 14 – Desconexão. Técnica mista.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2023.



Figura 15 – Solidão. Técnica mista.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2023.

Mais uma vez me escondendo em algum lugar pra poder colocar pra fora toda a dor que eu sinto. Toda a inutilidade que sinto sobre mim mesmo (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 05 fev. 2023, s/p.).

Na última pintura da série, “Indiferença” (Figura 16), eu estou sentado no banco de uma praça, aceitando que meu corpo se transformou num vazio que começa a invadir tudo o que está perto de mim. Embora não tenha sido a referência intencional no processo de criação, o banco de praça em que estou sentado remete aos bancos vermelhos<sup>7</sup> instalados em diferentes cidades do Brasil, usados como alerta público sobre a violência contra as mulheres. Essa semelhança involuntária acrescenta uma camada a mais na obra, colocando em diálogo meu apagamento com um símbolo urbano que denuncia outra forma de apagamento.

<sup>7</sup> O Instituto Banco Vermelho, fundado em novembro de 2023, é uma organização sem fins lucrativos e suprapartidária, com o intuito de chamar a atenção para a causa por meio de um ícone compartilhável e levar a discussão para as ruas, ampliando o debate além de salas fechadas ou grupos específicos.

Figura 16 – Indiferença. Técnica mista.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2023.

Embora a série não tenha saído perfeita do jeito que gostaria, por estar sentindo que nada que eu produzia era bom o suficiente, foi um ponto de repartida para a arte e o início da exposição pública das minhas vivências. Fiquei tão nervoso na hora de apresentar que parecia que ia desmaiar, pois nunca tinha apresentado algo tão pessoal.

Não falo com ninguém sobre como eu me sinto porque, além de ninguém se importar, ninguém vai mudar a minha vida. Ninguém vai mudar como eu me sinto ou me dar a felicidade.

Percebo todos me tratando como criança, o que parece que eu sou. Não consigo pensar nem entender nada do que eles dizem. Não consigo ler as mentes deles para saber o que eles querem.

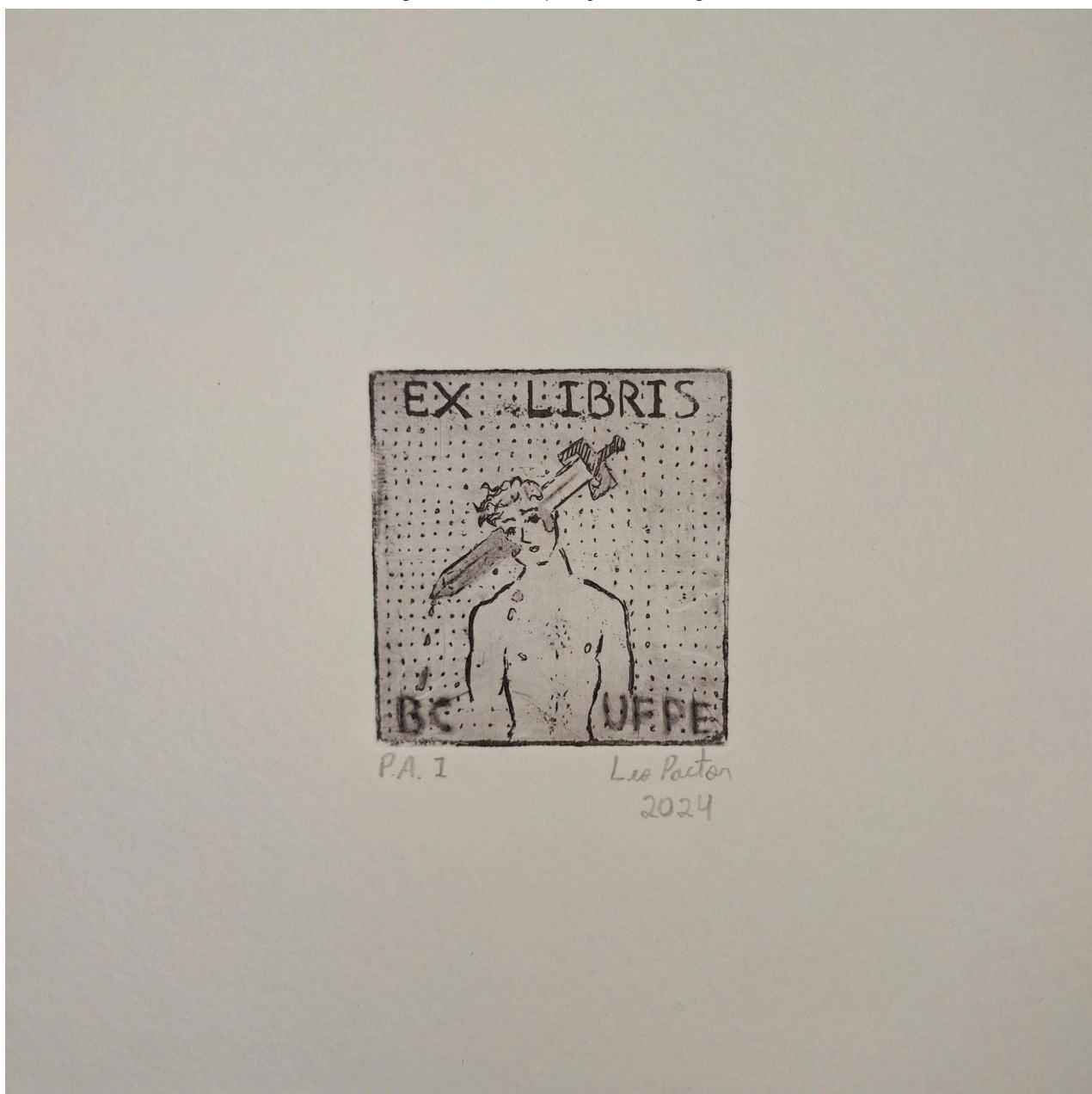
Não são três da tarde e meu dia acabou [...] (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 01 mai. 2024, s/p.).

Em 2024, comecei a participar do projeto de extensão “Gravura em Expansão: Quando arte e tecnologia se encontram”, contemplado no Edital 02/2024 do Programa de Estímulo à Cultura (PEC) da Superintendência de Cultura Supercult e coordenado pela Profa. Dra. Ana Lisboa. O primeiro trabalho do projeto foi criar um



ex-libris<sup>8</sup> para a Biblioteca Central, em comemoração aos seus 50 anos. Enquanto a maioria dos artistas criaram imagens relacionadas a livros ou ao vitral da biblioteca, eu trouxe para o ex-libris o meu sentimento em relação à universidade e à vida em geral (Figura 17). Um sentimento de aniquilação constante da própria existência.

Figura 17 – Aniquilação. Calcogravura.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Recife, 2024.

---

<sup>8</sup> Pequeno emblema ou ilustração que indica a quem pertence uma obra ou qual biblioteca a acolhe.

Queria poder me matar. (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 25, jun. 2024, s/p.).

Ainda no projeto de extensão “Gravura em Expansão: Quando arte e tecnologia se encontram”, produzi uma xilogravura de 109 x 79 cm, cujo tema era livre entre Memória e Sagrado. Então misturei os dois. Nunca me senti muito bem recepcionado pela igreja. A partir de algum momento, senti que meus pais queriam que eu fosse apenas para ser curado de algo que eles temiam que eu fosse. Após minha tentativa de suicídio, eu decidi que não ia mais frequentar aquele lugar. Nesta xilogravura, meu último autorretrato até o momento, a figura central sou eu, completamente despido, no meio de quadros com imagens de homens em posição de romance e desejo sexual. O quadro central direito mostra uma cruz enfiada na minha garganta, que representa como a igreja e seus fiéis me faziam sentir, ao impor suas crenças e opiniões ridículas sobre a minha existência.

Em seu livro “A Coragem de Ser Imperfeito”, a pesquisadora norte-americana Brené Brown relata:

[...] Isso quer dizer que eu teria obrigatoriamente que ser eu mesma. Precisaria estar vulnerável e aberta. Deveria deixar o texto de lado e olhar as pessoas nos olhos. Eu teria que ficar nua (Brown 2012, p. 29).

Embora esse fosse seu pensamento sobre ter que apresentar uma palestra para 500 pessoas, eu peguei para mim e apliquei na gravura. Pensei numa forma de exposição que envolvesse corpo e pensamento, uma falta de vergonha completa. Tive a ideia de me retratar nu na madeira (Figura 18), no meio de quadros que remetem a pinturas e desenhos sobre erotismo feitos por mim no último ano. Há também um quadro sobre morte por religiosidade, que mostra uma figura masculina com uma cruz enfiada na garganta, enquanto sangue escorre por seu corpo. Essa é a única vez que menciono religião nos meus autorretratos, pois não é um tema que me sinto confortável de trabalhar, pois mexe com memórias minhas sobre opiniões alheias que não compactuo.





Figura 18 – EXPOSTO. Xilogravura.  
Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Recife, 2024.



### 3 A EXPOSIÇÃO DOS SENTIMENTOS

Queria expor meus sentimentos. Colocar toda a minha desconfiança , todo o meu ódio nesse TCC. Poderia rasgar minha garganta e deixar jorrar no papel todo o meu sangue. (Leo Pactor, Registro de diário pessoal, 30 out. 2024).

Neste capítulo, agora liberto da vergonha de expor meus sentimentos, usei das disciplinas Pintura 2, Pintura 3 e Laboratório de Pintura para fazer uma série de pinturas - acrílicas e a óleo - sobre assuntos que tinha vergonha de expor publicamente. Serão eles: afeto, interesse, suicídio, concorrência, preocupação, meus pais, saudade, contemplação do presente e religião.

Toda a minha produção de autorretratos anteriormente mostrada passou por vários suportes: grafite, caneta, nanquim, carvão, lápis de cor, aquarela, papel, giz pastel e gravura. Achei interessante usar para os trabalhos finais um suporte que nunca havia experimentado.

Nessas pinturas, não tentei imitar o mundo do jeito que ele é, mas sim representar minhas experiências com o mundo. Na maioria delas, não busquei referências. Usei como inspiração os meus textos pessoais para criá-las, permitindo que sentimentos antes reprimidos se tornassem imagens, o que aproxima meu processo criativo da noção de sublimação (Freud, 1905), um mecanismo de defesa através do qual impulsos sexuais ou agressivos inaceitáveis pela sociedade encontram na criação artística uma forma valorizada e produtiva de elaboração.

Esse entendimento da arte como lugar de cura dialoga com o que Ana Lisboa apresenta em seu livro "Clamor". A autora descreve um projeto que leva linguagens visuais (no primeiro momento, atividades de desenhos sobre papel, e posteriormente, litogravura) a pacientes com transtornos psíquicos, concluindo que a arte pode ser um dispositivo de cuidado para essas pessoas, melhorando seu bem estar e aliviando seu sofrimento por meio da expressão de sentimentos. Assim como no projeto de Lisboa, a arte na minha trajetória de vida se revela não apenas como forma de expressão, mas como um lugar de transformação emocional.

### 3.1 AFETO

[...] Eu nem sei de que lugares eu gosto. Eu sei que gosto de ver livros nas lojas. Algum lugar longe de pessoas. Gosto de ficar sozinho. Ou apenas aprendi a gostar porque eu sempre fui sozinho. Não tenho um amigo que combine comigo, tipo melhores amigos que gostam das mesmas coisas. Nem sei se um dia vou ter [...] (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 04 jun. 2022, s/p.).

Não tenho um melhor amigo físico. Sempre fiz parte de grupos de quatro onde as outras tinham mais proximidade e intimidade entre elas do que comigo. Provavelmente por serem mulheres. Sempre estive cercado de garotas. Letícia, Luiza e Thiffany no 8º ano, Débora, Fernanda e Witória no 9º ano, Karol, Mariane e Vitória M. no 1º, Dayane, Geyse e Kaline no 2º, e Fernanda, Geyse e Vitória A. no 3º. Na universidade, estive a maior parte do tempo com Alline, Maria e Patricia, e embora eu tenha mais intimidade com Maria, ela virou mais turista do CAC do que estudante desde que começou a trabalhar, e não teve mais tempo físico nem virtual para os amigos, além de não ter responsabilidade com nossos compromissos marcados desde sempre.

Nas escolas, os homens nunca tiveram interesse em ser meus amigos. Talvez o Vinícius do 2º ano, mas ele se afastou depois que soube que eu sou gay, e se juntou aos héteros. No ano seguinte eu tive dois colegas que falavam comigo normalmente. O restante me ignorava ou era preconceituoso.

Para mim, é estranho a amizade entre homens, porque nós fomos ensinados a não demonstrar fraqueza, não chorar, etc, e isso faz essas relações de amizade soarem um tanto superficiais para mim. Basicamente, eles não sabem aprofundar conversas e não parecem interessados com seus sentimentos.

Meu primeiro amigo homem se mudou para Portugal há quase dez anos. O segundo se descobriu uma mulher trans. Eu pensei que nunca teria alguém com uma vivência parecida com a minha para ser meu melhor amigo, até começar a falar virtualmente com Dayvid, no primeiro ano da faculdade. Já tínhamos estudado juntos oito anos antes, mas por sermos de turmas diferentes, não tínhamos aprofundado nossa amizade. Em 22 de setembro de 2022, quando eu postei um story afirmando que nenhum gay assiste Anime, ele respondeu e rapidamente viramos besties. Conversávamos por horas como se estivéssemos colocando em dia as fofocas de oito anos, mas todas as conversas eram sobre o presente. Não

conseguimos nos encontrar muitas vezes, mas as poucas que aconteceram, nós não podíamos demonstrar tanto carinho por ele ter medo de que alguém visse e contasse a seu pai. Em 11 anos que nos conhecemos, só abracei ele uma vez.

Na universidade, tive por um momento um amigo hétero, que desencadeou em mim a necessidade de demonstrar e receber afeto de uma figura masculina, e me levou a criar uma peça de argila sobre isso, em 2023. A professora Suely Cisneiros, da disciplina de Argila, disse que a atividade era livre, e eu peguei um pedaço de barro e moldei duas figuras se abraçando. Esperei secar e levei para casa, onde se encontra até hoje, enfeitando meu guarda-roupas.

Pensando nessa memória, decidi criar uma pintura sobre esse sentimento.

Figura 20 - Estudo de cores. Lápis de cor.



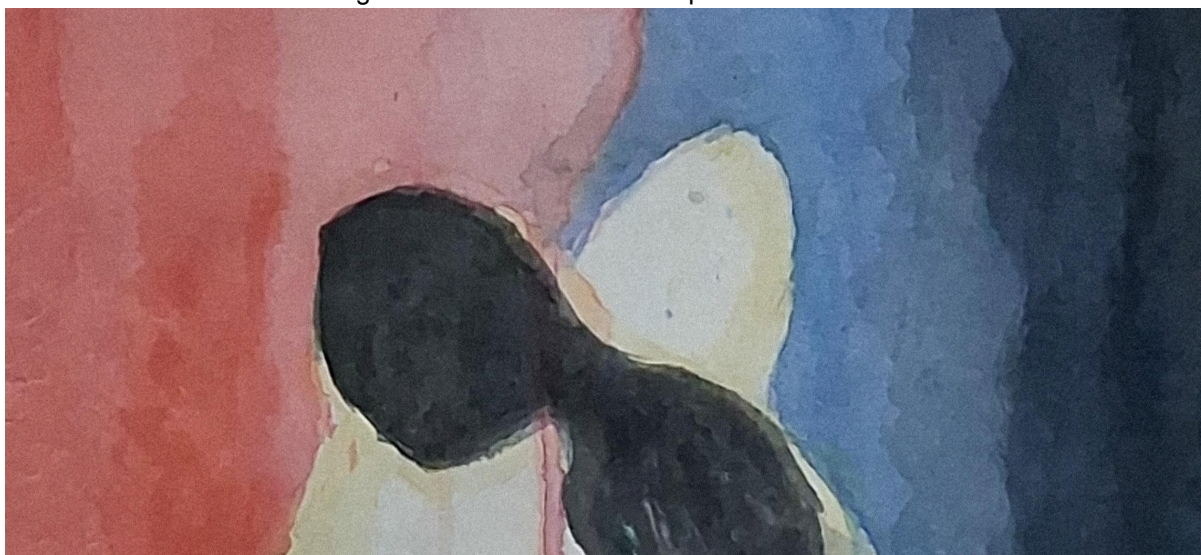
Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2025.

Para começar a série, decidi representar o afeto entre duas figuras, uma figura com cor de arco-íris abraçando uma figura sombria, como mostrado nos rascunhos na Figura 20. A multicolor representando a infância e um período de felicidade, enquanto a sombria é uma releitura do meu primeiro autorretrato, um ser totalmente consumido pela depressão. É um encontro de gerações. Tanto criança - adulto, quanto presente - breve passado.

Para o fundo, de primeira, pensei em um rosa invadindo o preto azulado da depressão (Figura 23), mas com a ajuda de Jeanine, cheguei à conclusão de que

era melhor um branco “sujo” invadindo o preto, para que não tirasse o foco das figuras do centro da tela. Passei de duas a três camadas úmidas de branco por cima do rosa para chegar nesse “branco sujo” e algumas camadas de cinza por cima do azul para apagar o azul.

Figura 23 - Primeiro fundo da pintura. Acrílica.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2025

Como eu estava na disciplina de Pintura 2 e era obrigatório ter uma colagem, escolhi em uma revista uma imagem de uma máquina cheia de fios. Cortei todos eles, mas decidi usar apenas dois para que não ficassem chamando mais atenção que os personagens. Liguei a figura colorida ao outro, como se estivesse não apenas acolhendo com o abraço, mas também partilhando o sentimento bom com ele. O fundo reforça que a escuridão está desaparecendo.

Atualmente eu me vejo mais como a figura multicolor do que como a sombria.



Figura 24 – AFETO. Acrílico. 70 x 50 cm.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo da pesquisa, Recife, 2025.



### 3.2 INTERESSE

Figura 25 – INTERESSE. Acrílica. 70 x 50 cm.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo da pesquisa, Recife, 2025.



A primeira pintura que produzi para essa série, “Interesse” retrata dois homens que se sentem atraídos um pelo outro, mas só um demonstra publicamente. O outro, por medo da sociedade e auto repressão, fica imóvel enquanto o interessado sem medo se aproxima e o sentimento imparável invade seu corpo.

A obra é também um autorretrato. O homem à esquerda, interessado e sem medo, sou eu. Para mim, a pintura representa todas as vezes que eu me senti atraído por garotos que não eram publicamente declarados homossexuais/bissexuais, que desejam estar num relacionamento - breve ou longo -, mas são impedidos por forças maiores. Eu já estive no lugar do homem à direita, e entendo sua falta de coragem e oportunidade de ser quem se é. Aos 14 anos, eu estava em um momento de descoberta e fui castrado, como disse minha psicóloga. Eu poderia também viver o resto da vida me escondendo e me retraindo, mas não consegui, preferia morrer a isso.

Não lembro ao certo quando e porquê eu deixei de ter medo de olhares. Talvez tenha sido na pandemia, quando a única coisa que nós víamos do rosto das pessoas eram os olhos. Talvez tenha sido no fim ou depois dela (afinal, quando ela acabou?), quando comecei a ir de ônibus para a universidade e praticar a demonstração de interesse para com outros garotos.

Aconteceu recentemente de alguém me perguntar se por acaso eu estava interessado romanticamente nele, e eu menti, dizendo que não. Eu nunca tomei a iniciativa de dizer que sim, e assim continuará, mesmo que eu fique sozinho pelo resto da minha vida. Talvez eu não esteja disposto a dividir - não só verbalmente, mas também fisicamente e mentalmente - meus problemas com outra pessoa. Eu já tenho problemas demais.

Eu jamais confirmei interesse e jamais confirmarei. Meus olhos podem demonstrar, mas minha boca não falará.

Talvez eu ainda seja um pouco como o homem à direita.



### 3.3 CARDÍACO

Figura 26 – CARDÍACO. Óleo. 65,6 x 51 cm.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo da pesquisa, Recife, 2025.



Eu tinha um amigo nos últimos dois anos do ensino médio. Após nos formarmos, cada um seguiu sua vida. Ele estudava enfermagem e eu tinha acabado de começar o curso de Artes Visuais quando ele faleceu inesperadamente, em dezembro de 2021. Pelas poucas informações que eu e outros antigos colegas soubemos, ele sentiu uma forte dor de cabeça e foi para o hospital, de onde não voltou para casa. Nós não tivemos a chance de nos despedirmos. A última vez que tínhamos nos visto foi no primeiro dia do ano, e ele morreu faltando 10 dias pro ano acabar. O sentimento que me invadiu foi medo. Naquele momento, parecia que iria começar uma sucessão de mortes, e eu ia perder todos ao meu redor. Me amedrontava imaginar que eu poderia nunca mais ver algumas das poucas pessoas que amo, sem ter a oportunidade de me despedir delas. E então eu tenho aproveitado cada minuto ao lado dos meus amigos, guardando em minha memória (mental ou virtual) todos os nossos momentos juntos.

Acho uma besteira parar de falar com amigos ou familiares por quase nada. A vida é curta, amanhã um dos brigados pode não estar mais vivo e o outro vai se lamentar porque no último dia, eles não estavam juntos. Não estavam se falando. Por besteira (Leo Pactor, Registro de diário pessoal, 13 jun. 2022, s/p.).

Pensando em morte, me lembrei de por quanto tempo eu pensei em suicídio, e quantas amigas minhas tinham o mesmo pensamento. De cabeça, lembro de seis. Depois que voltei do hospital após a minha tentativa de suicídio, sonhei várias noites com minha amiga Dayane atravessando a pista e sendo atropelada na minha frente, enquanto eu gritava. Era um horror vivenciar aquele momento todas as vezes, por mais que ela quisesse morrer naquele momento. Afinal, eu avisava a Dayane sobre o carro vindo, mas ela não corria para escapar. Isso não é suicídio?

Há uma grande discussão sobre suicidas irem para o inferno. Mas suicídio para mim não é apenas o ato direto de tirar a própria vida. É também se colocar em situações que vão lhe dar tanto desgaste físico, emocional e psicológico. E essas situações foram normalizadas pela sociedade e todos se colocam nesse lugar sem questionar. Ou mesmo questionando, já sabem que nada vai mudar. Você morre e todos ao seu redor não se importam o suficiente, continuam vivendo suas vidas normalmente depois de um breve momento lamentando sua morte.

Figura 27 – Rascunhos da morte de Mevi. Lápis de cor e óleo.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Recife, 2025.

Para minha primeira pintura a óleo, escolhi Mércia Vitória (Mevi), que faz parte do projeto Conexões Viscerais, idealizado pelo artista Eliú Damasceno e primeiramente incentivado pela Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC/UFPE), sendo exposta posteriormente na CAIXA Cultural Recife por curadoria das Profa. Dra. Joana D'Arc Lima e Profa. Dra. Renata Wilner, para ser representada nesta pintura. O Conexões Viscerais é um trabalho importante e admirável que fala sobre laços e que soma culturalmente, mas tem o lado do fazer, que as pessoas que não participam do processo não sabem que o trabalhoso também é natural da arte. Mesmo que alguns tenham a percepção de que se exige um trabalho, só quem produz entende as dificuldades, o esgotamento de saúde mental e o cansaço que é obtido no desenvolvimento de seus projetos. Quis representar ela enforcada acima do lago pelos corrugados do próprio trabalho, como mostra os rascunhos da Figura 27. Uma crítica ao trabalho excessivo, ao mesmo tempo que representa um suicídio, pelo fato da própria pessoa ter se colocado numa posição que demanda física e psiquicamente sabendo que poderia levar a esse destino. Ao seu redor, estão as

banhistas de Cézanne<sup>9</sup> vivendo tranquilamente como se não houvesse corpo algum perto delas, algumas até se banhando no lago de sangue, pois é assim que é na vida real. As pessoas podem até chorar pela sua morte por algum tempo, mas a vida continua, e, para todos os que você conviveu em vida, você se tornará apenas uma memória - ou nem isso.

Neste trabalho, eu me afastei do tema do suicídio e observei outras pessoas na mesma situação (Figura 26).

---

<sup>9</sup> Paul Cézanne (1839–1906) foi um pintor francês pós-impressionista. Sua obra “As Banhistas” (c. 1898-1905) é caracterizada pela representação de figuras femininas nuas em uma paisagem campestre.



### 3.4 Concorrência

Ler? Escrever? Desenhar com lápis de cor? Ou pintar com aquarela? Ou treinar no digital?  
Estou surtando. Muita coisa para fazer. Muita coisa para pensar.  
Deveria estar estudando? Deveria estar descansando? Deveria estar com meus amigos? Eles não têm tempo. Ou não querem. Talvez também estejam em dúvida sobre o que fazer. Talvez estejam fazendo alguma coisa mais interessante (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 11 jan. 2023, s/p.).

Sempre tive cobranças sobre o futuro, e a dúvida sobre o que estudar me perseguiu até depois do Ensino Médio. Não tinha como pensar no que estudar e trabalhar pelo resto da vida se tudo o que eu queria na época era morrer. Não ter tido nota suficiente no Enem 2018 para passar em curso algum me desmotivou e me fez pensar ainda mais que eu não servia pra nada. Em algum momento eu disse aos meus pais que gostaria de estudar Odontologia, porque ouvi eles conversando sobre meu dentista que esse ramo dava dinheiro, e eles acreditam até hoje que eu realmente queria estudar. Em 2020, quando não tive competência para passar em Psicologia ou Nutrição, entrei em Artes Visuais, e me acostumei com o fato de que serviria mais para eu praticar meu hobby do que para trabalhar e ganhar dinheiro.

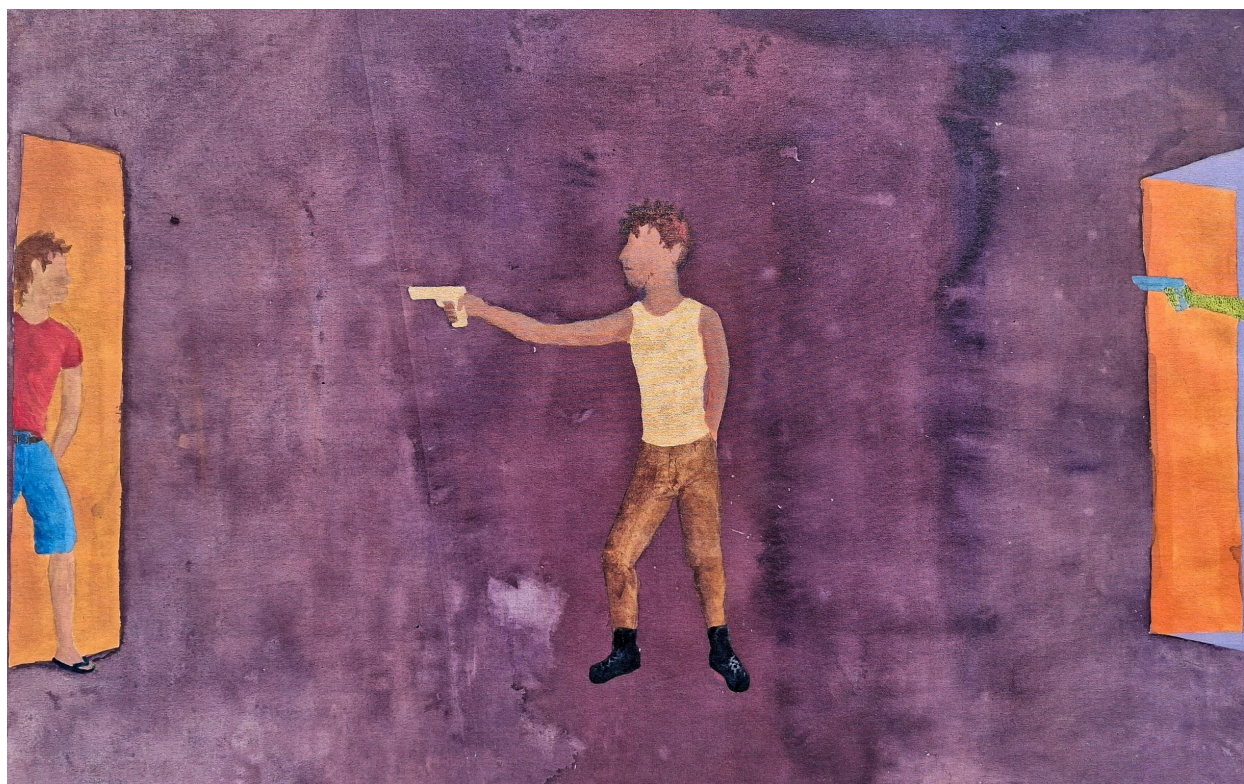
Não sei se sou eu ou apenas o ônibus me fazendo tremer. Meu coração parece extremamente acelerado, mas toco no meu peito e ele bate normal. Comecei abruptamente a me sentir assim depois que Patricia falou a Maria que está me aconselhando sobre como eu ganhar dinheiro depois da faculdade.  
Não consigo pensar sobre isso. Não gosto. O medo de falhar no trabalho foi um dos motivos que me levaram ao suicídio. É um dos motivos que ainda me fazem pensar nele.  
Contei um dia destes a Maria que eu não me imagino na vida trabalhando com Artes, e que estava apenas esperando terminar a faculdade pra começar Psicologia ou Nutrição, caso eu passe. Mas a verdade é que eu não me imagino trabalhando com nada. Pelo menos, não tendo sucesso, ou ganhando dinheiro suficiente que me faça viver. Só consigo me imaginar morando na rua catando comida no lixo ou simplesmente me entregando à morte por ter medo e vergonha de me verem fazendo isso.  
Não vejo futuro na arte, talvez porque sempre houve por aí que artistas não têm futuro. Talvez também porque não tenho coragem de enfrentar o sistema e lidar com outros artistas como se fossem adversários. Isso me machuca (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 18 dez. 2023, s/p.).

Na universidade, me deparei com alunos concorrendo uns com os outros. Não só nas médias para entrar nas disciplinas, mas também na vida, além da faculdade.

É triste como você me vê como um adversário. [...] Você não quer que concorremos de forma amistosa para chegarmos juntos, você quer apenas garantir a sua vaga no topo, ser o primeiro lugar. Eu poderia terminar esse texto dizendo que sou como você, mas não vou. Porque eu não sou desse mundo. Não sou de mundo algum. Você quer conquistar seu lugar, então faça o que puder para consegui-lo. Eu não tenho um lugar, e não me vejo, um dia, tendo. Estou apenas tentando aproveitar o momento com os amigos que fiz aqui, e fico triste ao ver muitos dos outros escolhendo se tratar com superficialidade. Espero que vocês realmente conquistem seus lugares. Ou então, não irão conquistar nada (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 05 jun. 2025, s/p.).

Lembrando da pintura “Vazio” (Figura 13), onde me retratei encarando um espelho que nada refletia, tive a ideia de pintar um outro espelho, que agora mostra a figura de alguém a ser superado. Um inimigo. Eu, de frente para ele, aponto uma arma para sua cabeça. Estive em dúvida discussão interna sobre ser eu ou não ali refletido. Sobre a concorrência comigo mesmo, ou como a concorrência com os outros acabou refletindo em mim. Decidi me colocar como parte da cena para mostrar que todos acabam fazendo parte desse sistema. Eliminei os espelhos da ideia e imaginei portas. Portas onde as pessoas passam como avanços na vida, mas que não acham suficiente passar na frente das outras, precisam também derrubá-las. Silenciá-las. Matá-las.

Figura 28 - CONCORRÊNCIA. Acrílica. 87,4 x 60 cm.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo da pesquisa, Recife, 2025.

### 3.5 CRÔNICO

Eu não mereço descansar. Minha mãe não consegue, então eu não deveria. Ela não gosta que todos consigam dormir e ela não, por isso eu tento me redimir quando ela joga isso na minha cara. Estou tentando não sentar pelo resto do dia. Vou ficar em pé mesmo que meus pés doam. Eu deveria sentir pelo menos 10% da dor dela. Queria poder tirar dela e mandar pra mim, pra ela não sentir tanto (Leo Pactor, Trecho o registro de diário pessoal, 27 fev. 2025, s/p.).

Para essa pintura, pensei muito no tempo. No tempo atual, onde minha mãe precisa de mim cada vez mais e eu sou o único para cuidar dela e de meu pai, que futuramente pode ficar dependente de meus cuidados também; e no tempo futuro, onde eu serei doente igual a eles e dependente de alguém, com a diferença de não ter alguém para cuidar de mim. A não existência de um cuidador não me preocupa, mas sim a doença. Ela me faz pensar que eu tenho que aproveitar a saúde enquanto ela existe. Ela também me faz pensar nas futuras dores que eu terei, e faz eu me questionar se, quando um vento frio bate no meu joelho, eu realmente estou sentindo uma pontada ou é apenas coisa da minha cabeça. A ansiedade sobre a provável futura dor me obriga a colocar um relógio nessa pintura. Mas, pondo lado a lado o relógio e a lista anteriormente feita, relembrei que a pintura deve ser sobre a minha vivência, e não sobre a minha mãe.

Meu primeiro pensamento para essa pintura foi criar uma lista imagética de todas as coisas importantes em momentos de dor de minha mãe, como uma nota mental para eu não esquecer de estar sempre à disposição para ajudar e acabar me sentindo culpado por isso.

- Joelheiras
- Meias-calças
- Meias grossas
- Cabo de vassoura (ou, futuramente, muleta)
- Bolsa térmica quente
- Bolsa térmica gelada
- Balde com gelo
- Celular para distração (com filtro de proteção ocular)
- Óleo de rosa mosqueta + alecrim, para massagem
- Almofadinha, para segurar o pescoço quando estiver sentada



Figura 29 - Esboços para a pintura. Caneta e lápis.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Recife, 2025.

Vendo que ia ficar muito simples, me imaginei no centro da tela enquanto esses objetos me rondavam, mas em alguns lugares do meu corpo teriam relógios que significariam cronômetros. Mudei para corujas me perseguindo, como se estivessem querendo me levar à força para a morte. O esboço final foi uma ampulheta, onde eu fico na parte de baixo impedindo que as corujas cheguem até mim. Para o fundo da pintura, imaginei um belo céu e uma grama bonita, típico de um mundo feliz. A ampulheta na parte de cima está quebrada, facilitando a entrada das corujas que me encaram e tentam a todo custo passar para a parte de baixo para me matar. Eu estou representado de amarelo, consumido pela loucura.



Figura 30 - CRÔNICO. Acrílica. 87,4 x 52,9 cm.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo da pesquisa, Recife, 2025.



### 3.6 SIM, É TUDO SOBRE VOCÊ

Figura 31 – Sim, é tudo sobre você. Acrílica. 66,8 x 51,2 cm.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo da pesquisa, Recife, 2025.

Eu não ligo pra minha vida. Não me importo. Eu só vivo por eles. Porque eles vão sofrer se eu me for. Mas eu estou aqui, e ela só me desmerece. Eu nunca sou bom. Pra nada. Sou desinteressado. Sou burro. Sou parasita. Eu faço tudo por ela.

Ela finge que não me fez mal. Finge que não foi ela quem disse pra eu me matar duas vezes, antes de eu tentar. Finge que é perfeita. O erro sempre é meu. Se não for, ela muda a conversa e me convence de que é.

Eu tenho medo dela. Mas estou vivendo por ela (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 10 fev. 2022, s/p.).

Me baseando nessa nota pessoal, decidi produzir algo sobre minha mãe e a forma que ela se mostra ao mundo. Após definir o conceito da pintura e o lugar de minha mãe nela, perguntei a algumas amigas se isso soaria como um elogio ou uma crítica. “Claro que é um elogio, né, porra? Quem não queria mandar na Terra?”, afirmou Mevi, enquanto Auria respondeu: “Amigo, acho que seria bom ir a um psicólogo”. Eu já estava tendo acompanhamento psicológico há dois anos e meio, e acredito que não teria coragem atualmente de criar sobre minhas vivências se não fosse por isso.

Para fazer a pintura, decidi retratar o universo do jeito que se sabe cientificamente até agora como ele é, e não do jeito que acreditamos que ele seja, ou vemos. Não pintei o universo azul, ou sombrio, como é no imaginário popular, pintei de bege (ou cosmic latte), que é a cor média da luz emitida por todas as galáxias observáveis (CAIN, 2003; Nasa, 2002). O Sol, branco (Stanford Solar Center, 2020), é a figura principal, cercado de cometas - pequenos pontinhos - cujas cabeleiras se tornam verdes quando se aproximam (Centro Ciência Viva do Algarve, 2021).

Ao redor do Sol, estão figuras de mãos dadas como no quadro “A Dança” de Henri Matisse<sup>10</sup>. Minha pintura é uma releitura da obra, e, para encaixar no conceito que escolhi (sistema solar), tive que incluir mais dois personagens/planetas na roda, dançando (ou louvando) o Sol.

---

<sup>10</sup> Henri Matisse (1869-1954) foi um influente artista francês, considerado um dos mestres da arte do século XX e o principal líder do fauvismo. “A Dança” (1910), de Henri Matisse, é uma icônica pintura fauvista que retrata cinco figuras humanas nuas e estilizadas, dispostas em uma roda de dança circular e eufórica sobre um plano de chão verde vibrante contra um céu azul profundo.



Figura 32 - Estudos de formas do universo. Lápis de cor.

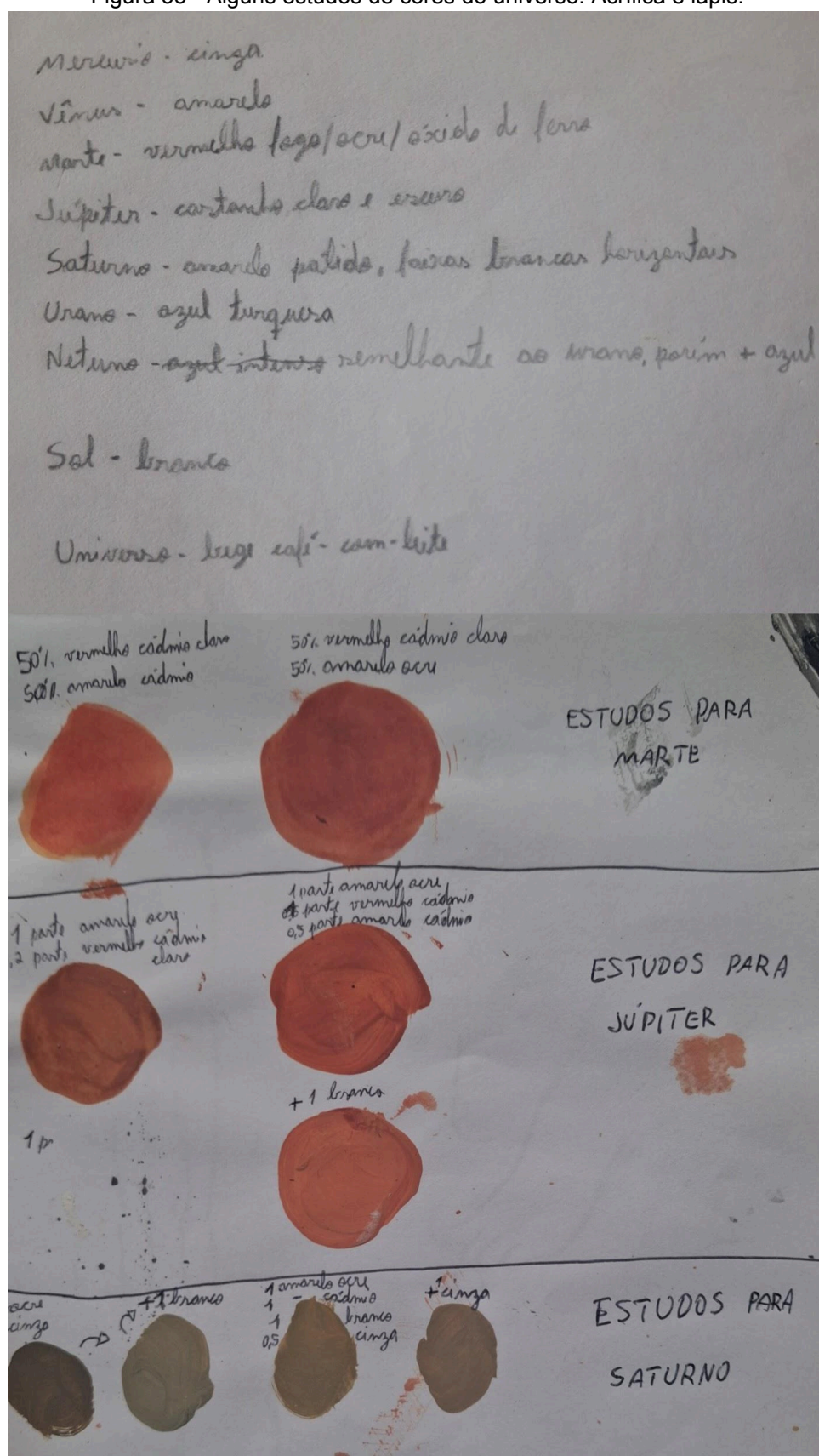


Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Recife, 2025.

Para ver as cores dos planetas, recorri ao site National Geographic Portugal. Tentei ao máximo reproduzir na pele dos personagens a textura do planeta que eles representavam. Em Mercúrio, fiz os tons de cinza e algumas crateras; em Vênus, reproduzi seu amarelo denso, que quase se misturou com o fundo; em Marte, dei ênfase nos vulcões; em Júpiter, detalhei seus cinturões; em Saturno, tive uma dificuldade tremenda para achar seus tons pálidos; e em Urano e Netuno, sofri para diferenciar suas cores, pois foi descoberto recentemente que Netuno não é de cor azul profundo, e sim apenas um pouco mais azulado que Urano, que é de um tom azul-esverdeado (University Of Oxford, 2024).

Ao mesmo tempo que é uma tentativa de representação fidedigna do universo (na questão das cores), é também uma representação da suposta imaginação da minha mãe. A realidade das cores do universo dialogando com a mentira da representação das formas. Não considerei importante trazer na pintura os planetas anões, astros não dominantes de suas órbitas (Plutão, Makemake, Haumea, Ceres e Éris), pois, pelo tamanho minúsculo deles, não teriam relevância alguma perto da grandiosidade da minha mãe.

Figura 33 - Alguns estudos de cores do universo. Acrílica e lápis.

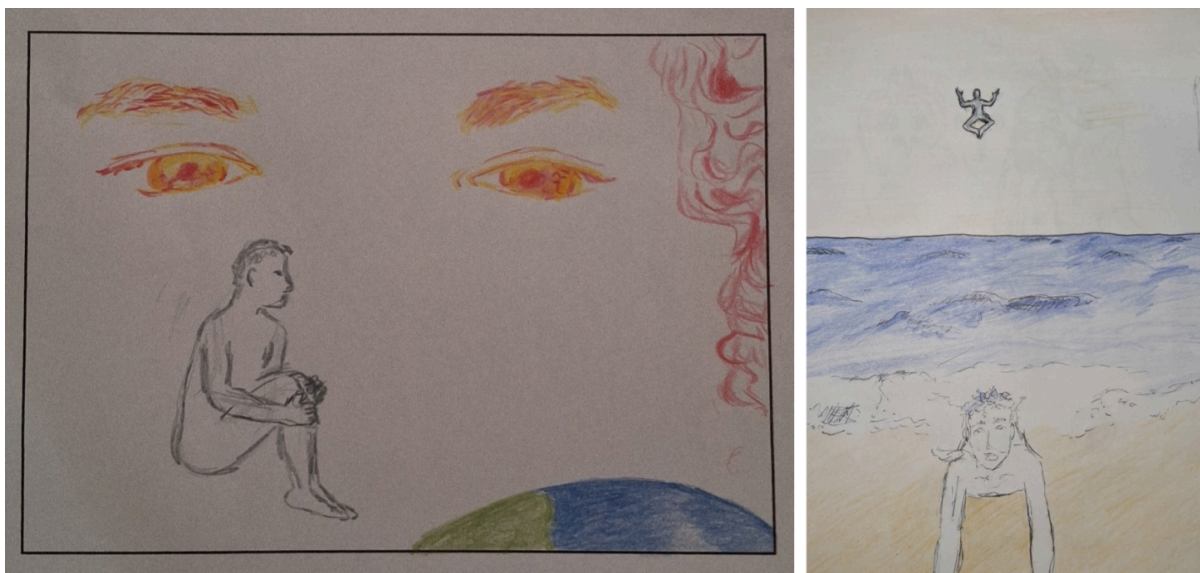


Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2025.



Após produzir essa pintura, tive a ideia de retratar também meu pai nesse mundo. Eu estava na terra, com certeza, como o mero ser humano que sou perto da minha mãe deusa, mas meu pai ainda tinha algum controle sobre mim. Aproveitando que minha psicóloga tinha passado um desenho ao ar livre como atividade para casa, desenhei o rascunho (Figura 34, à esquerda) de uma possível continuação dessa tela. A Lua representa meu pai, enquanto o olhar intimidador do Sol (amarelo e laranja, as cores que o vemos) mostram à ela sua força. Pois a Lua até pode ter algum controle sobre a Terra, mas o Sol é maior e mais poderoso que ela.

Figura 34 - À esquerda, atividade da psicóloga. À direita, terceira obra pensada. Lápis de cor e caneta.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2025.

Não contente com o que já tinha criado desse universo, me imaginei nele. Fiz o rascunho de uma terceira pintura me colocando como um humano encarando a Lua e o Sol, mas depois tive uma ideia melhor. Me coloquei no lugar da água do mar, como se fosse uma nova materialização da depressão (Figura 34, à direita). Como a Lua, meu pai tem o poder de me fazer sorrir com suas piadas bestas e suas risadas estrambolicamente falsas. Eu como o mar, tento me agarrar na areia da praia enquanto sou controlado pela lua e evaporado pelo Sol.

Essas duas pinturas pensadas não chegaram a ser produzidas por falta de tempo.



### 3.7 DESPEDIDA

Figura 35 - DESPEDIDA. Acrílica. 77,5 x 50,5 cm.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo da pesquisa, Recife, 2025.



Hoje faz três semanas que Duquesa morreu. (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 17 mar. 2023, s/p.).

Essa foi a única coisa que consegui escrever após a morte da minha cachorra, que tinha 11 anos e 8 meses de vida. Tentei escrever algo sobre o que eu sentia na noite do falecimento ou no resto da semana, mas não consegui. A única coisa que eu conseguia tornar concreto era “ela morreu”, como se eu estivesse repetindo minha reação ao vê-la deitada sem vida após voltar do quarto.

Em 27 de junho do mesmo ano, tive que me despedir de sua filha, Cleópatra. Ela não comia há três dias e meio, sendo a última vez alguns pedaços de fígado. Os últimos dias tinham sido difíceis, eu já estava tentando aceitar sua morte. Antes de ir para a faculdade, eu tinha percebido que ela estava tossindo e pensei na hipótese de estar gripada. O nariz dela estava visivelmente entupido, e ela estava com dificuldade de respirar. Pesquisei como curar e vi três opções: 1 - Colocar canela na comida, mas ela não estava comendo, então não adiantaria. 2 - Dar colheres de mel na boca, mas não tínhamos naquele momento do dia. 3 - Dar chá de menta, o que eu fiz. Fui para a faculdade com esperanças de que ela melhorasse.

Ela morreu. Olhando nos meus olhos. Pelo menos parecia que estava. Talvez perto da morte a visão enfraqueça, e meu esforço de virar seu rosto para ficar de frente para mim tenha sido em vão. Mas não vou pesquisar sobre isso. Prefiro acreditar que estávamos olhando nos olhos quando eu me deitei ao seu lado. Antes disso, eu estava tentando evitar ver ela depois que dei os remédios, esperando que ela aparecesse perto de mim já curada, mas não aconteceu. Quando voltei, ela estava ainda mais ofegante. Já havia presenciado outros animais, inclusive sua mãe, nesse estado. O estado irreversível.

Então, fiquei ao seu lado.

Estive lá quando minha priminha a arremessou longe, ela tendo menos de dois meses.

Estive lá há dois anos e meio, quando ela viu a praia pela primeira vez.

Estive lá em junho do ano passado, quando ela chorou por ter oito filhotes mortos.

Estive lá em fevereiro, quando ela começou a ir conosco para o sítio para não ficar sozinha.

Estive lá hoje, quando ela lutava para continuar respirando.

Estive lá quando ela começou a fazer barulhos, ainda olhando nos meus olhos.

Estive lá quando ela parou, e seus olhos sem vida fugiram dos meus.

E estive lá quando a enterramos perto de sua mãe e seus filhos.

Faz só quatro meses e três dias que a mãe dela nos deixou. Sozinhos.

E eu também me sinto culpado por não ter sido tão presente nesse meio tempo. Sua mãe foi criada sozinha, mas ela não. Ela precisava de mais carinho do que eu consegui dar.



Talvez eu devesse procurar saber como fazer a saudade passar, mas tenho medo da resposta. Esquecer vocês não é uma opção. Substituí-las também não (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 27 jun. 2023, s/p.).

Figura 36 – Duquesa (à esquerda) e Cleópatra na praia.



Fonte: Arquivo do autor. Paulista, 2021.

Usando essa foto de referência (Figura 36), tirada por mim em um dos dias de janeiro em que fomos à praia em 2021, decidi pintar minhas cachorras indo a



caminho de algo que não se pode definir com palavras ou visualmente. Por mais que eu não acredite em paraíso e saiba que elas apenas deixaram de existir, escolhi assim para imaginar elas indo para algum lugar visível, como um eufemismo visual. Tive a necessidade de perpetuá-las, para que virassem eternas. Na imagem, Duquesa olha para trás antes de seguir caminhando, enquanto Cleo espera parada sua mãe seguir em frente para segui-la, como sempre fazia. Após sua morte, começamos a levar Cleo ao sítio, para que não ficasse sozinha em casa, mas talvez devêssemos ter arrumado um irmão para ela, para preencher o vazio que sua mãe deixou na casa. “Amigo, você não é um cachorro”, disse Mevi após eu desabafar sobre o assunto e me colocar na posição de culpado. Creio que com essa frase, ela quis dizer que eu obviamente não entenderia o que minha cachorra queria.

A pintura foi iniciada no dia 27 de junho, no segundo aniversário de morte de Cleópatra, em um momento da disciplina de Pintura 2 que a professora Jeanine pediu que fizéssemos uma releitura de uma obra de algum artista que escolhemos para nossa “árvore genealógica” da disciplina, onde cada aluno organizou pintores da História da Arte por familiaridade com seu estilo artístico. Conversei com ela sobre querer fazer do William Turner, mas de nenhuma obra em específico, e sim algo relacionado à pincelada dele. Após ela dizer que não se encaixava na regra, deixei a releitura para uma pintura de minha mãe (Tópico 3.6) e fiz a das minhas cachorras por fora da disciplina.

Na pintura, pensei em representar o olhar de Duquesa como de preocupação comigo, como se estivesse com medo da minha reação ao vê-la partir. Ou então, um olhar de reprovação por não ter dado tanta atenção à ela e à filha dela, me culpando por tudo. O olhar de Duquesa era difícil de decifrar. No fim, deixei o olhar neutro, pois seu corpo já estava desaparecendo (Figura 35).



### 3.8 PRESENTE PRESENTE

Figura 37 - PRESENTE PRESENTE. Acrílica. 79,5 x 62,8 cm.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo da pesquisa, Recife, 2025.



Preciso focar.

A partir de agora, prometo focar nos detalhes ao sair.

Notei que estou vivendo no automático, saindo de um lugar ao outro com pressa, sem me importar com o meu redor.

Com as flores, os pássaros, as árvores balançando com o vento. Sem prestar atenção na água correndo quando chove, nas formigas andando em fila com suas folhas cortadas.

Lembrei da época em que eu queria ter o que tenho. Em que eu queria ver as cores, sentir o ar puro e alguma emoção ao invés do vazio. Agora é o momento de apreciar os pequenos momentos (Leo Pactor, Trecho da avaliação da disciplina de Arte Ambiental, 20 mar. 2024, s/p.).

Meus pais ficaram obcecados em adotar outro animal para ficar no lugar de minhas cachorras, sempre me contando quando outras pessoas ofereciam a eles. Eu disse que aceitaria apenas se fosse um filhote da cadela da minha tia, que era filha da nossa, para que sua família seguisse em frente. Tempos depois, meu pai insistiu que queria uma gata castrada que a patroa queria dar, e eu fui buscá-la em Paulista com uma caixa e a trouxe dentro do ônibus tentando acalmá-la para não miar tão alto. Provavelmente ali eu já tinha criado uma conexão com ela. Por muitos dias, pensei que estava cuidando dela apenas para esquecer as outras, ao mesmo tempo que tinha certeza de que meus pais estavam, toda vez que os ouvia chamar a gata de "cachorra". Recentemente, conversando alto com Vitória dentro de um ônibus lotado, ela me contou que também sentiu esse vazio quando sua cadela Maya faleceu, por isso pegou dois gatos para criar. Quando um deles desapareceu, tratou logo de arrumar outro para ficar no lugar desse. E assim vai.

Já estou pensando no fim.

Falta esse período e mais um pra terminar a faculdade, e já estou pensando como vai ser depois que tudo acabar. Vou sentir falta dos meus amigos, e com o tempo, vou perder a intimidade com a maioria, e viraremos apenas webamigos. Eu já sei que não verei eles nunca mais, já que moramos em locais distintos, a menos que nos esbarremos nos carnavais, que eu odeio. Voltarei à minha vida normal, cuidando da minha mãe, ajudando meu pai, e ficando na mercearia.

Acabei de descer na integração de Pelópidas. Estou agora andando em direção à fila número 16 chorando num volume razoável para que ninguém escute (Leo Pactor, Trecho do registro de diário pessoal, 14 mai. 2025, s/p.).

No recesso, enquanto eu pensava e escrevia essa pesquisa, minha gata sempre estava sempre ali, deitada na cama ao meu lado. Decidi então produzir sobre ela, desenhá-la a cada vez que mudava de posição, o que ia dar um resultado cubista. Às vezes eu parava o que estava fazendo e só a olhava. Tão pequena, mas tão importante. Dormindo por dois terços do dia, ela conseguia transmitir sua calma para mim apenas se encostando. Resolvi pintar essa cena (Figura 37).

### 3.9 CONDENAÇÃO

Figura 38 - dEUs. Acrílica. 80 x 62,4 cm.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo da pesquisa, Recife, 2025.



Eu nasci pra viver, não pra me salvar  
Eu não quero promessa de vida  
Nem castelo, nem roupa bonita  
Eu lá sou vira-lata pra me resgatar? (Trecho da música “Carta de Maria”,  
Rubel e Marina Sena, 2025)

Eu não ia escrever aqui e nem produzir sobre esse assunto, mas o que eu presenciei no trabalho do meu pai me acendeu uma ideia. Um funcionário protestante falando para minha amiga: “Deus tem um plano pra sua vida, só basta você deixar ele agir”. Ele dizia isso por ela ser lésbica. Ela falava que todos na igreja a olhariam feio, mas ele insistia para ela ir.

Eu não acredito em “Deus”, e odeio quando pressionam a mim e a pessoas como eu a voltarmos para a igreja. Eu sei exatamente o que eles pensam sobre nós, e sei que essa opinião não vai mudar. Embora pareça que eles me entendam, sei que já está concreto nas cabeças deles que, não importa o que eu faça, eu estou em pecado e devo “renunciar” a homossexualidade para ter a salvação. Na igreja que eu frequentava tem um homossexual que decidiu renunciar sua sexualidade e dedicar sua vida a Deus. Compra semanalmente novas flores para o altar, cuida da organização e já pagou caro numa cruz para a igreja. Escutei presencialmente uma mulher dessa igreja dizer “Não adianta ele fazer tudo isso, porque ele já vai pro inferno mesmo”. Naquele momento, eu tive certeza de que eles não se importam conosco. Além de afirmarem que iremos para um “sofrimento eterno”, querem nos ver sofrendo em vida também. Então, por quê eu e minha amiga ou qualquer outra pessoa deveríamos tentar nos encaixar num lugar onde as pessoas vão nos julgar e ter a certeza de que seremos condenados mesmo se nós excluirmos nossas vontades e nossa existência? Não é o certo. Não é o justo.

Eu não me importo com sua salvação. Ela não me diz nada. E ao invés de estarem preocupados com seus pecados e cuidarem de suas vidas, eles continuam sendo inconvenientes. Meu problema não é com a religião, que eu sequer me importo, mas sim com as pessoas que fazem parte dela e tentam a todo custo fazer você “se converter”. Um deus amoroso não condenaria uma pessoa por ser quem ela é. Um deus que condena ao inferno uma pessoa que vive um inferno na terra não é um deus que mereça ser adorado. Eu quero que Deus se lasque. “D”eus não curou a minha mãe, e nem parece interessado em curar. “D”eus escuta calado ela chorar todas as noites enquanto tenta dormir por pelo menos duas horas. “D”eus deixa ela sentir dores todos os dias, faça chuva ou faça sol, por problemas que os

outros a causaram. Se “E”le vê esse sofrimento e decide não fazer algo, é porque gosta. Seria simples, bastava querer (não é onipotente?), mas não quer. Se o “Deus do amor” gosta de ver pessoas sofrendo como se fosse a merda de um diretor de reality show, então talvez não seja tão bondoso assim. E se isso não faz sentido, quer dizer que ele não existe.

Após fazer uma seleção de desenhos que já fiz, percebi que no começo dos autorretratos, me coloquei muito no lugar de figuras religiosas, três vezes como anjo e uma vez como demônio. Talvez isso signifique que eu não sabia expressar meu eu de uma forma que não fosse dentro da religião que eu sempre fui colocado para servir. Essa pintura é a quebra dessa tradição, onde resolvi não mais me representar como figura religiosa. Na religião, me ensinaram a me diminuir e me reprimir até minha existência ser apagada. Nesta pintura, eu faço o contrário. Eu me coloco como a figura principal da minha história. Que não aceita ser serva de ninguém. Me coloco em um lugar de deus porque, enquanto minha mãe implora por Deus, sou eu quem está do lado dela para ajudar e consolar. Na aula de Laboratório de Pintura, com a Profa. Dra. Bete Gouveia, vi a pintura "Ognissanti Madonna" de Giotto<sup>11</sup>, cujo elemento principal, um trono, me inspirou. Me coloquei no lugar de Maria e Jesus, e quis, no lugar dos santos ao redor, colocar anjos e demônios implorando desesperados por sua vida.

Figura 39 - Estudos de cores. Giz pastel oleoso.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Recife, 2025.

<sup>11</sup> Giotto di Bondone, uma figura central na transição da arte medieval para o Renascimento, revolucionou a pintura com sua abordagem inovadora. Sua obra-prima, a Ognissanti Madonna (ou Madonna em Majestade), pintada por volta de 1310 para a igreja de Ognissanti em Florença, é um exemplo fundamental dessa mudança.



A Figura 39, mostra os sete primeiros estudos de cor feitos do personagem para a pintura, enquanto a Figura 40 é uma pintura digital onde apliquei as cores em uma foto minha.

Figura 40 - Pintura digital sobre foto.



Fonte: Leo Pactor. Arquivo do autor, Paulista, 2025.

Pego as cores e seus significados que inventei na época da disciplina de Arte Têxtil e as coloco em mim, num novo autorretrato (Figura 38). Uma releitura de Deus, mas o “eu” sendo maiúsculo ao invés do “d”, pois para mim, retratado na pintura, não importa se os outros respeitam ou não meu nome como próprio. Me importa apenas que minha existência é superior a todos de qualquer forma. A grandiosidade já está em mim. Uma nova entidade. Um novo líder, que comeu a cabeça do Espírito Santo e usa sua auréola como pulseira. Os anjos e os demônios se curvam a mim. Meus olhos estão consumidos por loucura. Do meu corpo sai a tristeza. Eu sou a Morte. E que seja feita a minha vontade.

#### **4 PARADA TEMPORÁRIA**

Neste trabalho apresentei as diferentes fases da minha produção enquanto artista, iniciando dos traços e rascunhos, usando diversos materiais, até encontrar na pintura um lugar de expressão.

No primeiro capítulo, escrevi uma parte de minha biografia, e introduzi meus textos pessoais. No segundo, trouxe uma análise sobre meus autorretratos. No terceiro, expus meus sentimentos em nove pinturas.

Olhando toda a minha produção, concluí que as obras mostram uma evolução de expressão através do desenho e das cores. Antes da universidade, eu sequer conseguia representar alguma vontade ou algum sentimento, por estar preso na autorrepresentação angelical. Ao entrar na universidade, consegui na arte despejar algumas emoções, mas ainda tinha vergonha de me expor totalmente. Agora, pinto meus lutos, minhas saudades e minhas vivências de forma explícita, sem filtros. Comecei no cinza, e, com a ajuda da pintura, fui ao colorido.

Tive dificuldades de escrever sobre esses temas de forma contínua e rápida e ter que detalhar demais coisas muito pessoais, por medo do julgamento - familiar ou não -. Meus impulsos me levaram, muitas vezes, a parar de escrever para que meus sentimentos não ficassem expostos e ninguém soubesse. Depois de anos de terapia, entendi que devo enfrentar meus medos como o adulto que sou. Faz parte do processo de existência. A partir de agora, enquanto eu existir, enfrentarei e tentarei viver.

Pretendo, com esse trabalho, ajudar outras pessoas e contribuir cientificamente para o avanço das pesquisas sobre narrativa autobiográfica. Tenho planos de, futuramente, usar o simbolismo de cores que criei na tapeçaria de papel para produzir o quadrinho dos suicidas, e começar e retomar outros projetos não finalizados mencionados neste trabalho, como as pinturas que complementam a de minha mãe e pinturas de outros sentimentos que não conseguiram entrar a tempo no trabalho, além de me aprofundar mais nos meus textos pessoais de sonhos e pesadelos para futuras criações. Por estar melhor psicologicamente e não viver mais num mundo tão cinza, conseguirei criar mais.



“Não tem ponto zero, é sempre contínuo”, disse Suzana Azevedo, doutora em Pintura e Gravura, na exposição em que participa na Galeria Arte Plural<sup>12</sup>. Assim como não existe um ponto zero, não existe um fim. Sei que ainda tenho muito a dizer na pintura, sobre mim e sobre outros. Ainda não acabou.

---

<sup>12</sup> Exposição “A alegria é a prova dos nove”, disponível na Galeria Arte Plural de 28 de outubro a 19 de dezembro de 2025.

## REFERÊNCIAS

WILDE, O. **A Alma do Homem Sob o Socialismo**. Editor: Vega. Coleção: Passagens. 2002.

SILVESTRE, Beatriz Costa da Silva. **As várias vezes que me pinte por aí: uma análise sobre autorretrato**. Beatriz Costa da Silva Silvestre. - Recife, 2022.

BROWN, Brené. **A coragem de ser imperfeito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

ZHENG, L., LU, Q., & GAN, Y. (2019). **Effects of expressive writing and use of cognitive words on meaning making and post-traumatic Growth**. *Journal of Pacific Rim Psychology*, 13. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/prp.2018.31>. Acesso em: 02 jul. de 2025.

NYKLÍČEK, I., TEMOSHOK, L., & VINGERHOETS, A. (Eds.). (2004). **Emotional Expression and Health: Advances in Theory, Assessment and Clinical Applications** (1st ed.). Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203484104>. Acesso em: 12 jul. de 2025.

OSTROWER, F. Artigos e ensaios. **Käthe Kollwitz: uma vida e obra**. 1988. Disponível em: <https://faygaostrower.org.br/livros-e-videos/artigos-e-ensaios/kaethe-kollwitz-uma-vida-e-obra>. Acesso em: 25 de nov. de 2025.

KÄTHE KOLLWITZ MUSEUM KÖLN. **Self-portraits**. Disponível em: <https://www.kollwitz.de/en/self-portraits-overview>. Acesso em: 25 de nov. de 2025.

CAVALCANTI, A. E. L. N. **Arte como Prece**. Pernambuco: Santa Marta, 2012.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes depressivas: As três dimensões da doença do século**. São Paulo: Principium, 2016

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. São Paulo: Imago, 1972.

CAVALCANTI, A. E. I. N. **Clamor: arte e transtornos psíquicos**. Recife: UFPE, 2017.

CAIN, Fraser. **The universe used to be more blue**. *Universe Today*, 19 dez. 2003. Disponível em: <https://www.universetoday.com/articles/the-universe-used-to-be-more-blue> . Acesso em: 18 jul. 2025.

NASA. **Astronomy Picture of the Day: Image of the Day: July 2, 2002**. 2 jul. 2002. Disponível em: <https://apod.nasa.gov/rjn/apod/ap020702.html> . Acesso em: 18 jul. 2025.

STANFORD SOLAR CENTER. **What Color do YOU think the Sun is?** 2020. Disponível em: <https://solar-center.stanford.edu/sid/activities/GreenSun.html> . Acesso em: 23 jul. 2025.



NATIONAL GEOGRAPHIC PORTUGAL. **A cor dos planetas não depende só da sua composição.** Disponível em: [https://www.nationalgeographic.pt/ciencia/cor-planetes-depnde-muito-mais-que-sua-composicao\\_3859](https://www.nationalgeographic.pt/ciencia/cor-planetes-depnde-muito-mais-que-sua-composicao_3859) . Acesso em: 18 jul. 2025.

CENTRO CIÊNCIA VIVA DO ALGARVE. **As cabeleiras dos cometas podem ser verdes, mas nunca as suas caudas. Após 90 anos, finalmente sabemos porquê.** CCValg, 31 dez. 2021. Disponível em: [https://www.ccvalg.pt/astrofomia/noticias/2021/12/31\\_verde\\_cometas.htm](https://www.ccvalg.pt/astrofomia/noticias/2021/12/31_verde_cometas.htm) . Acesso em: 23 jul. 2025.

UNIVERSITY OF OXFORD. **New images reveal what Neptune and Uranus really look like.** 5 jan. 2024. Disponível em: <https://www.ox.ac.uk/news/2024-01-05-new-images-reveal-what-neptune-and-uranus-really-look-0> . Acesso em: 30 jul. 2025.

RUBEL. Marina Sena. Carta de Maria. **Carta de Maria.** Brasil, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/ZY53r3XYyEU?si=cNpowfZXkBsRg84N>. Acesso em: 28 out. 2025.